



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ANTÓNIO DE FREITAS BRANCO MOITINHO DE ALMEIDA

**Práticas turísticas e comunidades cristãs.
Para uma criteriologia teológico-prática**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira

**Lisboa
2019**

RESUMO

O turismo é claramente uma prática em crescimento em Portugal. Como cristãos somos chamados a Evangelizar nas nossa realidade atual e, perante o crescimento turístico, a ação pastoral não pode esquecer esta dimensão humana que deriva do seu ser peregrino.

A reflexão realizada neste trabalho pretende através da sinalização de pontos de ligação, entre o turismo e a evangelização, levar o turista a regressar à sua «origem» (ser peregrino). Para se conseguir verdadeiramente evangelizar neste campo de ação, é indispensável a comunidade paroquial, a qual através de gestos de hospitalidade, num contexto de intimidade e partilha, se torna a ponte para o encontro com Deus da pessoa que provavelmente apenas está a visitar cultura.

Palavras-chave: Igreja, turismo, hospitalidade, comunidade, mobilidade

ABSTRACT

Clearly tourism is a growing practise in Portugal. As christians we are called to Evangelise in our reality and, towards the growth of tourism, the pastoral action can't forget this human dimension that drifts from being peregrine.

The reflection carried out in this work intends to point out links between tourism and evangelization, to bring tourists back to their "origin" (being a pilgrim). In order to truly evangelize in this field of action, the parish community is indispensable, which through gestures of hospitality, in a context of intimacy and sharing, becomes the bridge to the encounter with God of the person who probably is just visiting culture.

Keywords: Church, tourism, hospitality, community, mobility

ABREVIATURAS

AA – *Apostolicam Actuositatem*

AAS – *Acta Apostolicae Sedis*

CD – *Christus Dominus*

CEC – *Catecismo da Igreja Católica.*

CIC – *Código de Direito Canónico.*

EG – *Evangelii Gaudium*

EM – *Erga Migrantes Caritas Christi*

EN – *Evangelii Nuntiandi*

GE – *Gaudete et Exsultate*

GS – *Gaudium et Spes*

INE – Instituto Nacional de Estatística

LE – *Laborem Exercens*

LG – *Lumen Gentium.*

LS – *Laudato Si'*

MDMT – Mensagem para o Dia Mundial do Turismo

OPT – Orientações para a Pastoral do Turismo

RH – *Redemptor Hominis*

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, Portugal tem demonstrado um grande crescimento turístico, o qual tem tido uma grande influência nas realidades paroquiais, dado que as nossas igrejas são parte do atrativo cultural existente. O facto de o turismo ser a maior atividade económica exportadora do país, segundo o INE, faz com que tenhamos a certeza de que o turismo será sempre uma realidade atual e contemporânea em Portugal. Pelo facto de ser uma grande fonte de rendimentos, para muitos dos nossos cidadãos e conseqüentemente paroquianos, faz com que a nossa atenção sobre esta temática tenha de ter especial, de forma a que o Evangelho não seja diluído ou até mesmo eliminado da vida de cada um destes cidadãos que habitam o nosso país.

As constantes visitas turísticas devido ao rico património religioso das nossas paróquias cria a necessidade de implementar nestes espaços uma resposta cristã, dado que cada vez mais é frequente encontrarmos nas igrejas, catedrais e outros lugares de culto pessoas que tiram fotografias em vez de fiéis que usam estes mesmos espaços para meditar e orar. E porque “os lugares de culto muitas vezes provocam a tensão peregrinação-turismo. Um pode visitar uma catedral cristã ou um altar budista numa viagem turística, e dependendo da sua interpretação subjetiva, o que era «passeio turístico» pode tornar-se numa experiência tipo-peregrinação”¹. Um dos trabalhos do cristão, na sua missão evangelizadora, é criar esta tensão para se proporcionar ao visitante uma experiência, que se façam destes momentos de férias, de lazer ou até mesmo de cultura, um «lugar do encontro». Se existir um apelo ao religioso, o turismo fará com que este tipo de situações tenha repercussões desastrosas no

1 “Places of worship often straddle the pilgrimage-tourism tension. One may visit a Christian cathedral or a Buddhist shrine on a tourist trip, and depending upon one’s subjective interpretation, an initial «tourist day out» may become a pilgrimage-like experience”. Deborah Ross, «Introduction», in *Image and pilgrimage in christian culture*, ed. Victor Turner & Edith Turner (New York: Columbia University Press, 2011), XLV. No tocante ao estilo de apresentação da dissertação, segue-se a norma de Chicago, com algumas adaptações à língua portuguesa.

futuro, levando a perder estes mesmos espaços, que foram criados e concebidos para permitir a interiorização como função primária.²

A presente reflexão remete, em primeiro lugar, para a Antropologia, dado que a pessoa e sua mobilidade é o motor deste trabalho, mais especificamente no âmbito do turismo. O turismo implica igualmente, como se tem visto bem presente na nossa sociedade, a experiência do meio que remete para uma dimensão transcendente da beleza da criação, na qual o visitante pode conhecer a beleza de Deus nas coisas criadas e, assim, através da sua contemplação chegar ao próprio Deus. A presença das diversas culturas, tanto as dos hóspedes como a do hospedeiro, demonstra que o ecumenismo terá sempre um lugar de destaque, dado que o turismo poderá ser sempre uma ponte para a interação e relação das diversas vivências religiosas e presenças comunitárias. Esta interação, hóspede-hospedeiro, exige o desenvolvimento da dimensão espiritual da experiência humana.

Esta dissertação tem como objetivo final encontrar um quadro compreensivo que permite às comunidades cristãs uma melhor integração das dinâmicas do turismo. O nosso itinerário, por este facto, terá de iniciar-se com uma averiguação da afluência turística em Portugal e quais as práticas turísticas mais salientes. Só conhecendo aquele que nos visita e as suas intenções se pode conseguir estruturar qualquer tipo de resposta adequada. A realidade cultural de quem nos visita tem igualmente uma grande influência na forma de se poder compreender o que se torna necessário e importante para a pessoa que nos visita, tendo igualmente em consideração a sua origem religiosa. Também de grande relevância e para concluir a primeira parte veremos como o nosso país pretende corresponder às necessidades turísticas presentes em que nos visita, bem como os planos para os próximos anos.

No segundo capítulo, pretende-se compreender a realidade do turista. Por isso, iniciamos um itinerário na questão da mobilidade e como esta realidade é analisada

² Cf. Maximiliano Korstanje, «Hospitalidad, religión y ciencia, las formas primarias del imperialismo», *Boletín Científico Sapiens Research* 6, n. 1 (2016): 12.
<https://www.srg.com.co/bcsr/index.php/bcsr/article/view/211/185>

socialmente e eclesialmente. Este estudo será realizado a partir do sociólogo Zygmunt Bauman, o qual faz uma análise puramente social da mobilidade, e em seguida por Danièle Hervieu-Léger, para destacar a dimensão religiosa. Num confronto de ambas as dimensões iremos tentar compreender se o «peregrino» se tornou o «turista» da nossa contemporaneidade. Por fim, será necessário compreender como a Igreja interpreta a dimensão itinerante da pessoa humana e a sua conjugação com tudo o que foi analisado anteriormente.

No capítulo final, será apresentada a hospitalidade como uma dimensão importante da Igreja, através de exemplos concretos da Sagrada Escritura – Abraão, Jesus Cristo, São Paulo e São Pedro. Igualmente a importância da interação hóspede-hospedeiro, a qual deve ser encarada nas diversas comunidades paroquiais, para se poder criar um elo de ligação à realidade turística tão presentes em Portugal. Para concluir, apresentam-se alguns pontos de referência para se poder praticar o tão necessário acolhimento das pessoas que nos visitam, de forma a que estas façam uma experiência que ultrapasse as expectativas iniciais.

CAPÍTULO I

AS PRÁTICAS TURÍSTICAS EM PORTUGAL

Compreender o turismo implica considerar vários fatores. Antes de mais, as próprias práticas, isto porque as mesmas estão intimamente ligadas à realidade das pessoas que as realizam. Assim sendo, é necessário compreender também qual o país de origem daqueles que escolhem Portugal como destino lúdico. A relevância desta necessidade está no facto de a cultura, presente e distinta de cada povo, se manifestar na forma de ver e compreender o mundo. Ao compreendermos as práticas turísticas conseguimos entender a questão da mobilidade em que estão enraizadas.

Antes de entrar na caracterização da mobilidade, que veremos no próximo capítulo “*O Homo Viator*, um eterno viajante?”, é necessário compreender quem é o turista que visita Portugal. Para este estudo utilizaremos a estatística do ano de 2016, isto pelo facto de no ano de 2017 ter havido uma afluência fora do normal devido ao centenário das aparições em Fátima, para podermos caracterizar o turismo na contemporaneidade portuguesa, de forma a compreender o que é procurado por parte dos turistas e o que Portugal tem para oferecer. Por fim, como prevê e pretende atuar o *Turismo de Portugal* com a sua previsão para o ano de 2027.

1. Dados sobre as práticas turísticas em Portugal

Para se poder falar das práticas turísticas é preciso compreender que “o Turismo é um dos sectores líderes económicos do século XXI”¹. Esta afirmação põe-nos, em primeiro lugar, a pensar na dimensão e influência do turismo a nível mundial; mas o turismo é muito mais do que uma questão económica. Pois “o turismo apresenta hoje uma grande variedade de formas e constitui uma realidade múltipla e em contínua mudança” (OPT 4). Todavia existe

¹ “Tourism is a leading sector for the economy of the 21st century”. Peter Prassel, «Tourism at the service of The encounter among peoples», *People on the Move*, n. 96 supp (2004): 213–218.

um aspeto ligado ao turismo que continua constante ao longo dos tempos, pois ninguém se desloca sem ter um objetivo, um motivo para essa movimentação. Portanto, começaremos por apreender alguns dados estatísticos, concentrando a nossa atenção na motivação, duração da estadia e país de origem, de forma a contextualizar o turista que visita Portugal.

Sabendo que “é atualmente uma convenção social considerar como viagem turística uma deslocação para fora do lugar de residência habitual, por um período superior a 24 horas e inferior a um ano, que não vise o exercício de atividades remuneradas” (OPT 3), podemos então dizer que o turista é uma pessoa que se desloca para um lugar onde não reside, por «lazer, recreio ou férias» ou para «visitar familiares ou amigos», sendo que a duração da sua estadia não ultrapassa um ano, mas não é inferior a 24 horas. Automaticamente aqui estamos a excluir aqueles que fazem um «passeio», visita num intervalo inferior a 24 horas sem realizar dormida.

Analisando então os dados estatísticos formulados pelo INE no ano de 2016, pode constatar-se que os portugueses, ficando em Portugal, viajaram por diversos motivos, os quais podem ser categorizados em três grandes grupos: «visitar familiares ou amigos» (correspondendo a 44,1%), «lazer, recreio ou férias» (43,8%) e «profissionais ou de negócios» (8,2%), havendo também uma pequena expressão que pode ser caracterizada por «religiosos» (1,1%) e outros motivos (2,8%). Quanto à estadia realizada foi em média de 2,00 noites.

No caso dos estrangeiros que viajaram para Portugal, as motivações, agrupadas da mesma maneira, tiveram a seguinte expressão: «visitar familiares ou amigos» (20,3%), «lazer, recreio ou férias» (69,3%), «profissionais ou de negócios» (8,0%) e outras motivações (2,4%) nas quais se incluem os motivos «religiosos», ficando em média 3,33 noites. É importante referenciar que 61,1% eram turistas, enquanto os restantes efetuaram um «passeio» a Portugal, sendo a maioria realizado por espanhóis.²

2 Cf. INE, «Estatística do Turismo 2016», 2017, 76; 118.

Em termos globais, o turismo no ano de 2016, em Portugal, registou 59,1 milhões de dormidas, o que corresponde a 46,4% da ocupação possível no ano em todo o país. Destas dormidas, 29,35% foram realizadas por portugueses e 60,72% por provenientes do resto da Europa, em que os países mais expressivos foram Reino Unido (16,21%), Alemanha (9,82%), França (7,46%), Espanha (7,31%) e Países Baixos (4,54%); a América registou 6,48%, sendo 2,75% do Brasil e os EUA representando 2,20%; apenas 2,17% foram provenientes da Ásia, enquanto o resto do mundo não registou expressão significativa. Esta utilização de recursos em Portugal permitiu um proveito de 3,1 mil milhões de euros e criou oportunidades de trabalho para muitas pessoas, que deram resposta a todas as necessidades exigidas pela dinâmica de acolhimento.³

Interpretando estes dados, podemos afirmar que a maioria das pessoas que procuram «lazer, recreio ou férias» são europeias, o que expressa um fator de proximidade na escolha do lugar destino; uma deslocação de curta distância é certamente um fator decisivo.

2. Caracterização do turismo em Portugal

O turismo é fundamental na conceção de oportunidades de crescimento económico e cultural, como já pudemos ver. Sendo igualmente indispensáveis os mecanismos de resposta que possam satisfazer as pessoas que escolhem Portugal como destino de lazer, não se restringindo aos estrangeiros, mas devendo também ter em conta os portugueses, pois estes representam uma boa parte dos turistas, como pudemos observar no ponto anterior.

Nos últimos anos, o crescimento que se verificou no turismo foi, maioritariamente, na época baixa. Este crescimento exigiu, por parte de todos, uma ação focada em três aspetos:

- a) Valorização dos recursos humanos: uma das prioridades que permite um crescimento mais estável e completo do próprio país. Através de “políticas que valorizam a formação e as pessoas que trabalham no turismo [...], políticas de qualificação,

³ Cf. INE, «Estatística do Turismo 2016», 109; 122.

capacitação e diversificação da oferta com a implementação de projetos”⁴. O facto de serem necessários mais recursos é um sinal muito positivo de que o nosso país tem algo de bom para oferecer. Portanto, através de formação própria, as pessoas que estão envolvidas nestes serviços tornam-se agentes capazes de atuar.

- b) Criação de atrativos: através de um bom processo de reconhecimento dos nossos recursos e a forma de os aproveitar, poderemos criar atividades que sejam desejadas. Por exemplo, os «caminhos de Santiago» e «Fátima» são âncoras fundamentais para criar estes atrativos no «Turismo Religioso».
- c) Eliminação da sazonalidade: este é um dos mais importantes pontos de crescimento. Segundo o *Turismo de Portugal*, no ano de 2016 obteve-se um resultado positivo pelo facto de se ter conseguido um “alargamento da atividade turística a meses menos tradicionais, tendo dois terços do crescimento acontecido na chamada «época baixa»”⁵ e com ele um crescimento em todas as regiões. A capacidade de evitar a grande afluência de pessoas para os mesmos lugares e em simultâneo será, provavelmente, um dos maiores desafios. Por isso, com a existência de uma valorização de todo o território, que permite potenciar as regiões mais desconhecidas, deve criar-se um alargamento das atividades, de forma a que possam ser usufruídas durante todo o ano. Esta poderá ser a resposta pretendida para baixar ainda mais o índice de sazonalidade.

Apesar da importância de todas estas dimensões, elas só poderão ter efeito se o seu impacto for positivo de modo particular e se todas as pessoas que estão envolvidas no processo – os residentes e os profissionais do turismo – trabalharem em conjunto, como poderemos ver no último capítulo “Critérios para uma pastoral comunitária”, sem esquecer que a capacidade de resposta exige igualmente formação das pessoas envolvidas. Por outro lado, o crescimento implica a necessidade de mais recursos naturais, o que vai influenciar a

4 Manuel Caldeira Cabral, «Liderar o turismo do futuro», in *Estratégia Turismo 2027*, ed. Turismo de Portugal I.P., 2017, 2.

5 Ana Mendes Godinho, «O turismo precisa de todos e todos precisam do turismo», in *Estratégia Turismo 2027*, ed. Turismo de Portugal I.P., 2017, 3.

importante tarefa de assegurar que as empresas ligadas ao turismo adotem medidas de utilização eficiente da energia (energias renováveis) e da água, sem esquecer todo o processo de reciclagem dos resíduos, de forma a realizar a menor pegada ecológica possível, se quiserem que o turismo não seja uma realidade temporária.

A ecologia é atualmente uma das realidades mais debatidas, principalmente no que diz respeito às temáticas da utilização das energias renováveis, preservação da natureza e dos ecossistemas ou reciclagem. A ecologia não é uma novidade para a Igreja, mas o surgimento da *Laudato Si'* demonstra uma centralidade a este problema:

A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida. (LS 16)

A Igreja católica tem refletido sobre o bem comum de todos os povos e as suas relações com a natureza. O cuidado da «casa comum» para todos é a base de uma educação em favor da convivência da sociedade com o mundo e permite uma resposta sustentável às necessidades das gerações futuras. “Exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (LS 91). Aproximam-se desta preocupação realidades como o ecoturismo, que começou apenas com a preservação das paisagens para que estas pudessem ser usufruídas pelas gerações futuras e que passou a contemplar todas as dimensões relacionadas. Como nos diz S. João Paulo II: “o ecoturismo, em geral, leva as pessoas para lugares, ambientes ou regiões em que o equilíbrio natural tem necessidade de cuidados constantes para não ser comprometido”⁶. Isto implica igualmente as culturas presentes nos espaços que são visitados,

⁶ João Paulo II, «MDMT 2002», 27 de Setembro de 2002, 4.

as quais são tão importantes como o espaço em si. É verdade que os modelos de ecoturismo contemporâneos têm favorecido um planeamento mais cuidado, que envolve a participação da população de forma mais integrada nos próprios programas turísticos, levando assim a desenvolver não só a economia, como também a favorecer as culturas locais, as quais estão intimamente ligadas a esses mesmo lugares.⁷

O crescimento do turismo em Portugal cria uma dinâmica de mudança, na qual existe uma maior valorização dos recursos naturais, como se reflete na encíclica *Laudato Si'*, para que estes possam ser uma mais valia para todos os portugueses, até mesmo para as gerações vindouras. Por este motivo, a adesão de muitas empresas, dentro da área do turismo, a um sistema ecológico permite mais oportunidades de crescimento. O próprio turismo faz «mover montanhas» transformando a missão ecológica numa vontade partilhada “porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós” (LS 14). Assim sendo, ao adotar um sistema ecológico sustentável, protege-se tudo o que permite a Portugal ser o que é.

O crescimento deriva igualmente de outros fatores que, segundo o *Turismo de Portugal*, são os atrativos.⁸ Tudo começa com o facto de se receber bem em Portugal, que não se reduz a uma estratégia de marketing. A hospitalidade – que será um tema de desenvolvimento em “A importância da hospitalidade na vivência das Comunidades Cristãs” – é um fator cultural ligado à identidade. Provavelmente devido à descoberta de outras culturas e povos no tempo dos Descobrimentos, o português quer conhecer outras culturas e povos e também tem vontade e capacidade para valorizar as relações humanas. Outro fator a considerar é o nosso clima temperado mediterrânico, um grande atrativo proveniente da existência de muito sol e luminosidade intensa durante a maior parte do ano, o que permite usufruir dos recursos naturais de uma forma mais regular, evitando assim as limitações

7 Cf. Turismo de Portugal I.P., «Estratégia Turismo 2027: Liderar o Turismo do Futuro», 2017, 38.
<http://estrategia.turismodeportugal.pt/estrat%C3%A9gia-turismo-2027>.

8 Cf. Turismo de Portugal I.P., «Estratégia Turismo 2027», 47–49.

próprias da sazonalidade. Também a utilização das nossas costas para desportos aquáticos, náuticos ou mesmo que levam a aproveitar o mar e praias para atividades mais simples e diversas. Os nossos recursos aquáticos não se cingem apenas ao mar, pois a presença de água com qualidade em lagos, rios, albufeiras e termas nas zonas mais interiores, como o Alqueva, o rio Douro ou a serra de Monchique, proporcionam igualmente pontos turísticos atrativos, que abrangem um património natural, que é vasto e rico em espécies de fauna e flora únicos, sendo este património valorizado pelos roteiros naturais e pela proteção da biodiversidade e da paisagem.

Recorrendo às construções humanas, podemos encontrar uma cultura rica em história, com mais de 900 anos, com uma forte presença de património cultural, militar e religioso; com muitos elementos reconhecidos pela UNESCO, como Património Mundial material e imaterial. Também temos a gastronomia tradicional portuguesa, marcada pelos produtos regionais. Não apenas a comida mas também o vinho, que está entre os melhores do mundo. A diversidade marcada pela dieta mediterrânica é um enorme atrativo cultural. Por fim, temos uma tradição de proporcionar atividades e eventos artístico-culturais, musicais, desportivos e de negócios, que apresentam espetáculos por todo o país. Estes projetam a economia local em territórios de baixa densidade e alargam o turismo para todo o ano e em todo o território.

Com todos estes elementos, Portugal consegue proporcionar uma grande variedade de atividades, desde momentos lúdicos em zonas de praia ou lagos, a desportos que envolvem áreas ecológicas, passeios culturais e feiras de gastronomia, entre muitas outras atividades.

3. Um Futuro para Portugal, considerações a partir do plano *Estratégia*

Turismo 2027

No mundo em mudança, com todos os problemas ecológicos, a humanidade sente a necessidade de proteger o seu futuro. A capacidade de gerar o crescimento do país sem

destruir os seus recursos é vista como a prioridade primeira, em todos os campos ligados à ecologia. Dentro desta realidade, como vimos anteriormente, o turismo é um fator decisivo, por ser um dos elementos importantes do crescimento de Portugal. O *Turismo de Portugal* criando este plano pretende um crescimento económico juntamente com o aumento da procura turística em todo o país sem prejudicar as pessoas e o ambiente. Por isso, o seu enfoque está no património histórico-cultural, áreas protegidas, centros históricos, praias, estabelecimentos hoteleiros e acessibilidades de forma a existir uma continuidade alicerçada num crescimento sustentável na área social, económica e ambiental.⁹

O crescimento social implica um turismo durante todo o ano e também a valorização das pessoas, promovendo o emprego e a qualificação dos profissionais do turismo, aumentando também os seus rendimentos, o que pode ter um impacto positivo na população. Com esta valorização consegue-se estimular a inovação e empreendedorismo, permitindo um alargamento da atividade turística a todo o território e que promove o turismo como fator de coesão social. O crescimento económico implica uma adesão a fórmulas mais adequadas à região, de forma a conseguir maximizar os recursos sem os esgotar, permitindo uma integração das comunidades na atividade turística, as quais podem alargar a resposta para todo o ano e para todo o território sem comprometer a identidade local. Por fim, o crescimento ambiental, sempre com uma visão apoiada nas questões da sustentabilidade, exige uma maior eficiência energética, capacidade de gestão da água e gestão eficiente dos resíduos produzidos na atividade para se manter. Tendo todos estes pontos em mente, poderemos tornar Portugal num país com um desenvolvimento pleno em todas as suas dimensões, mesmo que o enfoque seja apenas o turismo.¹⁰

O que é pretendido por parte do *Turismo de Portugal* incide sobre elementos fundamentais para a Igreja, como a valorização da pessoa e a proteção do ambiente. Perante

esta realidade, como é que a Igreja pode pensar a sua ação, a fim de colaborar sem

9 Cf. Turismo de Portugal I.P., «Estratégia Turismo 2027», 50–52.

10 Cf. Turismo de Portugal I.P., «Estratégia Turismo 2027», 38; 41.

comprometer a identidade cristã presente nas comunidades? Esta questão será o fio condutor para o capítulo final, onde a hospitalidade demonstra a sua importância.

Mas antes de podermos responder a esta questão, temos de compreender socialmente as pessoas que estão envolvidas de forma mais próxima destas realidades.

CAPÍTULO II

O *HOMO VIATOR*, UM ETERNO VIAJANTE?

Para compreender a condição do *homo viator*, primeiro temos de compreender as características da mobilidade humana, dado que “existem inúmeras mobilidades, a física, a imaginária e a virtual, a voluntária e a coerciva”¹ que são influenciadas pelos seus fatores, tantos os intrínsecos como os extrínsecos, que ajudam a compreender porque é que o ser humano se comporta de determinada maneira. Precisamos igualmente de compreender a mobilidade a partir das ciências sociais.

1. Mobilidade humana: fatores de caracterização

Como o homem é um ser com capacidade de se movimentar, a sua itinerância é algo natural. Pode assim afirmar-se que a mobilidade é uma realidade intrínseca e extrínseca à pessoa humana, dado que existem fatores internos e externos que a motivam; é uma dimensão existente na sua vida, desde os seus primórdios, quando era necessário deslocar-se para sobreviver, de forma a obter os recursos necessários para a sua subsistência e sobrevivência. A pessoa humana – que continua a realizar deslocações constantemente, mesmo na contemporaneidade, com o desenvolvimento proporcionado pelos transportes, os quais permitem percorrer longas distâncias em pouco tempo – passou a ser um cidadão do mundo, levando assim a uma generalização da mobilidade humana. Como exemplo, temos as pessoas que diariamente, entre centro e periferias das grandes cidades, conseguem deslocar-se facilmente para obter os bens essenciais.

De modo geral, pensar em mobilidade, leva-nos a pensar nas migrações que normalmente são caracterizadas como deslocações permanentes ou quase permanentes. Mas

¹ “There are countless mobilities, physical, imaginative and virtual, voluntary and coerced”. John Urry, «Globalising the Tourist Gaze», Department of Sociology, Lancaster University, Lancaster, 2001, 7. <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Urry-Globalising-the-Tourist-Gaze.pdf>

se falássemos apenas na migração, estaríamos a excluir as situações temporárias de mobilidade, as quais já se tornaram muito frequentes. Olhando então para a realidade atual, constatamos que facilmente se está um dia ou algumas horas numa zona distante da residência e se regressa sem necessidade de recorrer aos serviços de hospedaria. Esta dimensão de deslocação temporária tem as variantes que verificamos no capítulo anterior. Apesar de existirem características próprias que influenciam estas duas dinâmicas de mobilidade temporária, no que diz respeito a este trabalho iremos uni-las, dado que partilham também outras características que se tornam mais relevantes no contexto deste trabalho. Por isso, a partir deste momento, todas as vezes que nos referirmos ao «turismo» ou aos «turistas», estaremos a englobar toda a mobilidade temporária e as suas razões.

Existem vários motivos que tornam a mobilidade importante no dia-a-dia para a pessoa, como a vontade de descoberta e a necessidade de «algo mais». Aquilo que normalmente não estava ao seu alcance, fá-lo continuar a ser itinerante com o intuito de conseguir atingir estes objetivos. “A análise das mobilidades envolve muitas consequências para diferentes pessoas e lugares localizados onde poderíamos chamar a faixa rápida e lenta da vida social”² podendo assim revelar o empenho da pessoa em conseguir de forma direta o seu bem-estar, que é o elemento fundamental para a sociedade atual. Por isso, a mobilidade humana pode ser caracterizada por uma decisão das pessoas que realizam esta movimentação, que é influenciada profundamente tanto pelos fatores extrínsecos como pelos intrínsecos.

Estes fatores podem ser determinados por estes grandes grupos:

- a) Conflito: Associado ao confronto, principalmente quando este não é pacífico. A criação de um ambiente de insegurança, que provoca uma mobilidade coerciva devido ao medo, à perda do acesso aos bens de primeira necessidade e, por vezes até, de vidas humanas.

² “Analysing mobilities involves examining many consequences for different peoples and places located in what we might call the fast and slow lanes of social life”. Mimi Sheller & John Urry, «The new mobilities paradigm», *Environment and Planning A* 38 (2006): 213.

- b) Económico: Associado à procura de uma vida melhor, verifica-se normalmente em trabalhadores ou imigrantes. Também podemos contemplar a questão dos negócios, que, não implicando uma deslocação permanente, são cada vez mais realizados a uma escala global.
- c) Lúdico: Associado ao turismo, uma prática normalmente realizada em família ou com amigos. “As férias são uma forma de aliviar a tensão e aspirações da vivência familiar, uma forma de aperfeiçoar o quotidiano e também de lhe dar sabor”³.
- d) Natural: Associado às catástrofes naturais (secas, inundações, erupções vulcânicas, esgotamento dos solos) que tornam o local inóspito, uma “incapacidade das pessoas conviverem com as forças da natureza”⁴ ou meio ambiente, levando assim os habitantes a retirarem-se e procurar outro lugar para viver.
- a) Político: Associado normalmente às ditaduras totalitárias, asilo político ou falta de liberdade de expressão, que é parte indispensável na vivência da política na contemporaneidade.
- b) Religioso: Associado principalmente às peregrinações, expressão da mobilidade religiosa, também já esteve associado às cruzadas. Não apenas no âmbito do cristianismo, a peregrinação, que pode ser apenas visitar «lugares santos», lugares onde permaneciam ou estiveram figuras marcantes, é em primeiro lugar uma viagem espiritual que pode aglutinar outras motivações.
- c) Social: Associado principalmente à etnia e cultura. A pertença a uma comunidade é importante para o ser humano pelo facto de ser uma criatura social. Se o mesmo não é possível, implica, necessariamente, a deslocação para outro lugar onde possa sentir-se integrada.

3 “Holidays are a means of easing out the tensions and aspirations of everyday family life, a way to perfect the everyday and also to make it more palatable”. Sarah Marie Hall & Clare Holdsworth, «Family practices, holiday and the everyday», *Mobilities* 11, n. 2 (2016): 299.

4 “People’s inability to cope with natural forces”. David L. Sills, «Migration», *International Encyclopedia of the Social Sciences* (New York, NY: Macmillan [u.a.], 1979), 289.

Todos estes fatores são importantes se queremos compreender o ser humano e o seu comportamento. Para este trabalho o enfoque será apenas a fator lúdico, isto pela sua relevância para a realização deste trabalho, pelo facto de ser a base do turismo. Começemos a partir da classificação das motivações segundo Crompton.⁵

Quadro 1: Motivações psicológicas (factores de <i>push</i>)	
Escape do ambiente quotidiano	Consiste na mudança temporal de ambiente diferente do lugar de residência, do lar ou do contexto laboral, isto é, o turista procura destinos diferentes do seu contexto habitual, tanto físico como socialmente.
Exploração e evolução do eu	A viagem é uma oportunidade para que o turista explore a sua própria identidade e para o autodescobrimento, assim como para pôr em prática imagens sobre o si próprio e valorizá-las.
Relaxamento	Refere-se a um relaxamento mental que deriva, por exemplo, da prática de <i>hobbies</i> e interesses que não se podem desenvolver na vida diária, mais do que o relaxamento físico. Esta última nem sempre tem lugar nas férias e alguns dos entrevistados manifestaram ter chegado esgotados depois das mesmas.
Prestígio	Viajar supõe um estilo de vida elevado, mesmo com a democratização do acesso aos meios de transporte e a generalização do turismo, o status associado às viagens e ao turismo é cada vez mais difuso.
Regressão	Acontece de duas maneiras: (1) rompimento com os papéis e obrigações quotidianos que facilitam um tipo de comportamento mais irracional, infantil ou adolescente; (2) o turista também poderia estar motivado pelo desejo de retornar a uma época onde o estilo de vida era mais simples, longe da complexidade e incerteza da sociedade atual, altamente tecnológica.
Melhorar as relações de parentesco	Viajar é uma boa oportunidade para se reunir com os membros da família e enriquecer as suas relações.
Facilidade de interação social	Existem viagens mais orientadas para as pessoas do que para os destinos. O período de férias é um tempo propício para conhecer gente nova e assim trocar opiniões, estender o número de contactos sociais ou, simplesmente, desfrutar de gente que não é familiar. Também pode existir o desejo de interagir com a povoação local (anfitriões), se bem que consegui-lo reveste-se de alguma dificuldade e muitos turistas acabam relacionando-se com outros turistas. A proximidade no alojamento e a participação em viagens organizadas são fatores que facilitam a interação social. No que diz respeito às viagens organizadas, nelas operam uma série de elementos que proporcionam este efeito: partilhar experiências, proximidade física, existência de indivíduos com interesses comuns no grupo ou na incorporação no grupo de novos membros que são introduzidos por indivíduos já membros.

5 Cf. Miguel Ángel Beltrán-Bueno & María Concepción Parra-Meroño, «Perfiles turísticos en función de las motivaciones para viajar», *Cuadernos de Turismo*, n. 39 (2017): 45–46.

Quadro 2: Motivações culturais (factores de <i>pull</i>)	
Novidade	Identifica-se com a curiosidade, a aventura, a procura do novo e diferente e acima de tudo, no sentido de viver uma experiência (com certa independência do grau de conhecimento que se tenha do destino). Não obstante, existem casos em que os viajantes escolhem destinos que já lhes são habituais, em concreto: (1) podem ser indivíduos que tentam satisfazer necessidades psicossociológicas mais do que os motivos culturais, (2) adotam uma estratégia conservadora para reduzir o risco de que um destino pouco familiar não seja tão satisfatório como o já conhecido, e (3) podem ver-se condicionados pelo medo ao desconhecido. Assim, no turista poderia dar-se uma combinação de procura do novo e de estratégias de minimização do risco perante o diferente. Entre estas estratégias estão as viagens organizadas e a exposição gradual a novas situações, tomando como ponto de partida o já conhecido.
Educação	A viagem é uma forma de satisfazer necessidades educativas e de adquirir uma bagagem cultural, chegando a considerar-se praticamente uma obrigação moral de conhecer aqueles lugares que são particularmente acessíveis aos sujeitos.

Podemos então observar que estas motivações, existentes no turista, podem ser denominadas de *push* e de *pull*. Os fatores *push* estão relacionados com as questões emocionais, um escape do quotidiano e não propriamente com os lugares de destino escolhidos. Por outro lado, os fatores *pull* dependem do destino, a escolha feita perante a oferta fornecida pelo lugar como a cultura, clima, natureza entre outros. Por isso, estes fatores induzem a pessoa a tomar uma decisão de viajar e levam-na a tomar a decisão de escolher o destino respetivo. Pode-se então conceber a motivação turística como um aspeto relacionado com as capacidades cognitivas dos indivíduos e que nesta capacidade se manifesta a necessidade de escape ou procura.

2. Figuras sociais da mobilidade

Para uma análise da mobilidade humana é necessário interpretar o indivíduo e identificar as figuras típicas da mobilidade. Utilizaremos as figuras sociais da mobilidade segundo Zygmunt Bauman, como ponto de partida – isto porque se trata de um autor de referência no campo da interpretação da mobilidade social.

No nosso estudo, a religião tem igualmente uma grande relevância. Por isso, realizaremos também uma formulação das figuras sociais delineadas por este fator. Para dar resposta a esta necessidade recorreremos a Danièle Hervieu-Léger, atendendo à sua especialização em sociologia da religião.

Por fim, após o conhecimento das diferentes figuras, poderemos compreender o turista. Para tal, iremos partir da questão: «O turista, um novo paradigma do peregrino?»

2.1. As figuras sociais da mobilidade segundo Bauman

Na sua interpretação, a sociedade pode ser compreendida a partir de cinco figuras: o «peregrino», que paulatinamente tem sido substituído por o «deambulador», o «vagabundo», o «turista» e o «jogador». Vamos então olhar para cada uma delas individualmente.

2.1.1. O peregrino⁶

Ser peregrino é mais do que andar pelos caminhos, tendo em conta a sua finalidade espiritual. Trata-se de um caminho, acompanhado pela meditação de itinerários passados, rumo ao futuro, o qual termina com a satisfação que ultrapassa o próprio prazer. Por isso, temos de encarar o mundo como aquele em que a viagem possa ser, na realidade, uma peregrinação.

Ser peregrino é exigente, não permite uma vivência de forma ligeira. Sobretudo neste nosso mundo que é cada vez menos hospitaleiro para aquele que quer fazer este caminho. Por isso, na atualidade, é cada vez mais difícil encontrar peregrinos no seu verdadeiro significado: pessoas que querem fazer a experiência do religioso de uma forma transformadora, ou seja, implicando a sua vida num todo.

⁶ Cf. Zygmunt Bauman, *A vida fragmentada. Ensaios sobre a moral pós-moderna* (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007), 89–93.

2.1.2. O deambulador⁷

O homem comum da nossa sociedade, na vivência da sua mobilidade é chamado de deambulador. O termo na sua origem latina, tem o sentido de passear, movimentar-se. A procura da resposta no mundo à sua inquietação muitas vezes leva a humanidade a procurá-la onde nunca a poderá encontrar. Assim, o homem vive na ilusão de que a conseguirá encontrar continuando, como um bêbado, a embriagar-se de dissipação. A vida passa a ser, com este tipo de envolvimento, uma constante autocrítica, uma busca de algo melhor, mesmo que não exista. Consequentemente, o homem nunca vive satisfeito, mas tenta dar respostas para se satisfazer. Entrando assim numa «experiência de *flâneur*» – termo de Charles Baudelaire – que assume as atividades comuns, como uma descoberta do «eu» entre estranhos, mas sem qualquer preocupação de fazer parte deste grupo, ficando pela superfície do «outro».

O deambular é um ato humano que, a seu belo prazer, através de histórias formadas por fragmentos das vidas dos outros, transforma o outro numa personagem da história que o próprio constrói. Esta realidade vai ganhando cada vez mais força devido a estruturas, como os centros comerciais, que promovem o *flâneur* e, consequentemente, o estilo de vida do deambulador. Claro que os especialistas do marketing conhecem bem a forma de seduzir e atrair as pessoas para continuar a moldar a sua vida, segundo os critérios que lhes convêm, mas com isto ocorre um efeito secundário, o afastamento pessoal do outro. Como resultado da transformação pós-moderna o consumismo tornou-se na primazia do lúdico. O egoísmo, que vai ganhando terreno na vida das pessoas, fá-las ser pessoas do ócio, principalmente nos tempos de descanso. As sociedades modernas são especialistas em fazer negócio com tudo, por isso, não seria de estranhar que com o ócio também o fizessem.

Trespasados pelo desenvolvimento do supérfluo, o nosso mundo transformou-se numa fonte de hipóteses para satisfazer os desejos e fantasias de quem o habita pelo que, infelizmente, as pessoas se perdem com tanta oferta. Por este motivo, o deambulador é o

⁷ Cf. Bauman, *A vida fragmentada*, 97–99.

indivíduo que vive numa busca permanente de satisfazer as suas inquietações, mas não sabe onde encontrar as mesmas respostas e, por isso, vive numa constante azáfama pelo facto de não conseguir ser peregrino.

2.1.3. O vagabundo⁸

Socialmente, o vagabundo é aquele que não tem casa, vínculo ou raízes. Vive na sociedade, mas de certa forma está fora da mesma, pois não vive com ela. Normalmente, a sociedade vê estas pessoas como excluídos. Um homem que vive a sua itinerância, à medida que vai traçando o seu caminho, não tem nada definido de antemão. Não é que isto seja mau, mas faz com que seja imprevisível e com isso um transtorno para a sociedade.

O vagabundo não é uma novidade do nosso tempo. A sua origem radica na impossibilidade de se instalar, pois os lugares que visitou já estavam ocupados. Mas nos tempos que correm, não é o problema da escassez de lugares por ocupar, mas antes a incapacidade de se adequar à sociedade. Portanto, o vagabundo, apesar de estar fisicamente num lugar, não faz parte desse lugar. Por este motivo, o vagabundo é sempre um estranho. Vai traçando o seu itinerário pelo mundo, sem alguma vez assentar verdadeiramente.

2.1.4. O turista⁹

Ironicamente, o turista apresenta uma dinâmica semelhante ao vagabundo. Claro que esta semelhança se esconde atrás de toda uma estrutura social económica; o facto de o turista ter poder económico faz com que o repúdio, que normalmente se apresenta para com estas pessoas socialmente marginalizadas, se transforme num desejo da sua presença.

Na realidade, o turismo nasce de uma “insatisfação incessante e do desejo de contraste”¹⁰, como afirma Chris Rojek. Uma estrutura que nasce para dar resposta a esta

8 Cf. Bauman, *A vida fragmentada*, 99–101.

9 Cf. Bauman, *A vida fragmentada*, 101–103.

10 Chris Rojek, *Ways of escape. Modern transformations in leisure and travel* (Londres: Macmillan, 1993), 216.

realidade humana, o turismo, no mundo contemporâneo, é uma estrutura do «faça você mesmo». Criam-se moldes que correspondam aos desejos das pessoas, sempre de forma a incentivar a diversão e satisfação, transformando-se assim o mundo para o turista numa realidade organizada apenas por critérios estéticos.

O turista é um caçador de experiências e emoções. Esta capacidade aparece devido ao desenvolvimento da mobilidade e capacidade de marketing onde as ofertas, que são fornecidas pelas empresas turísticas, criam verdadeiras «escapadelas turísticas». De certa forma, o turismo é uma fuga, escondida num comportamento organizado e responsável, evitando o seu regresso a casa.

Infelizmente, a vivência em casa não dura muito, dado que coexistem duas dimensões que fazem com que o turista não fique muito tempo sem o ser. Estas são, em primeiro lugar, o medo de estar preso, o «estar em casa» visto como uma prisão. A outra tem a ver com a necessidade de «mais espaço» que não consegue encontrar dentro de casa. Ambas as dimensões, na realidade, não estão longe da estrutura quotidiana. A resposta mais radical é encontrada no turista, o que lhe permite corresponder ao seu desejo de se afastar da realidade. Com isto o turista abdica do conforto que outros não têm e que, muitas vezes, ao visitar os países de maior pobreza, encontra mesmo à sua frente nos que sofrem nas ruas; compra um espaço de habitação temporária como parte do «pacote», conseguindo assim o seu refúgio.

O refúgio que o turista pretende é uma fuga por medo e por não querer enfrentar a realidade. Vive o momento presente atrás da lente da câmara, substituindo o olhar por este ver instantâneo. Aliás, como diz Erich Fromm, “hoje, o disparar da câmara (a agressividade que o termo comporta é eloquente) significa essencialmente o transformar o acto de ver num objeto”¹¹. O turista esconde-se assim, também, atrás da câmara que cria uma barreira que

¹¹ “Taking a snapshot (the aggressive expression is significant) means essentially to transform the act of seeing into an object”. Erich Fromm, *The anatomy of human destructiveness* (New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1974), 343.

impede o contacto direto, a experiência do que o rodeia e, muitas vezes, só a vive já em casa pela visualização das fotografias.

2.1.5. O jogador¹²

Na figura do jogador, encontramos as pessoas que fazem da vida um constante jogo. O mundo transforma-se, torna-se no lugar onde o confronto entre os jogadores ocorre, onde “não há leis nem ausência de leis, nem ordem nem caos” e “é o mundo do risco, da intuição, das precauções a tomar”.¹³

O jogo estrutura-se na capacidade de antever ou prever o jogo dos outros, de forma a conseguir manter a vantagem, mas também na aceitação, como uma criança, de todas as regras do jogo em que participa. Tudo se define numa vivência marcada pelo saber «jogar bem» de forma a garantir a vitória. Mas, se não corre como previsto, ou se o jogador não aceita o jogo, este simplesmente sai e esquece-o. Vive-se uma guerra que não deixa cicatrizes ou rancores, pois se o jogador mostrar que elas existem é considerado uma criança.

O jogador está bem presente nos relacionamentos de hoje onde, se não estiverem a correr como previsto, se deve «separar como amigos» pois «está tudo bem» como se nada se tivesse passado, como se a vida partilhada não tivesse existido ou tivesse chegado ao fim.

2.2. *O religioso em movimento segundo Hervieu-Léger*

Sendo a religião um dos fatores relevantes da mobilidade, Hervieu-Léger caracteriza a sociedade a partir de duas figuras: o «peregrino» e o «convertido». Estas figuras são modelos de religiosidade que procuram explicar, segundo a socióloga, a modalidade religiosa presente nos nossos dias. Então iremos tentar compreender melhor cada um deles.

¹² Cf. Bauman, *A vida fragmentada*, 103–105.

¹³ Bauman, *A vida fragmentada*, 104.

2.2.1. O peregrino¹⁴

O peregrino é uma figura que existe para Hervieu-Léger numa dualidade com o praticante. Perante este confronto, para compreender melhor o peregrino, vejamos o quadro.¹⁵

Quadro 3: Tipologia praticante/peregrino	
Praticante (religiosidade estável)	Peregrino (religiosidade móvel)
Prática obrigatória	Prática voluntária
Prática normalizada pela instituição	Prática autónoma
Prática fixa	Prática moldável
Prática comunitária	Prática individual
Prática estável (territorialmente delimitada)	Prática móvel
Prática repartida (ordinária)	Prática excecional (extraordinária)

Geralmente associamos a peregrinação ao praticante religioso, pois este vive de forma estável e tem uma prática organizada. Mas a figura do praticante é mais complexa, podendo ser caracterizada por dois extremos antagónicos, segundo a socióloga: de um lado temos o «praticante regular» e do outro o «praticante irregular». Ambos os extremos estão bem presentes na nossa sociedade atual, sendo que o desenvolvimento da figura do praticante regular está intimamente ligado a um período em que o poder clerical dominava e está também ligada à limitação territorial que obrigava a uma pertença comunitária mais vincada. Por outro lado, o praticante irregular é marcado pela perda da influência do catolicismo e pelo enfraquecimento da prática religiosa.

O praticante pode ser associado a todas as expressões religiosas que têm como base uma comunidade, isto é, um grupo bem definido de crentes, socialmente identificados. Por isso, a figura do praticante “está associada à estabilidade das identidades religiosas e à permanência das comunidades no seio das quais essas identidades se transmitem e se

¹⁴ Cf. Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido. A religião em movimento* (Lisboa: Gradiva Publicações lda., 2005), 91–100.

¹⁵ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 109.

exprimem”¹⁶. Consequentemente, enquanto existirem estruturas comunitárias, nas quais seja possível uma pertença religiosa, o praticante continuará a viver diariamente interligando a crença e a pertença. Portanto, existe uma estabilidade das identidades religiosas quando a figura do praticante se integra no seio da comunidade, onde transmite e exprime esta mesma identidade.

É verdade que a questão da pertença, fundamento do praticante, também aparece bem visível no peregrino. “A peregrinação define um momento de intensidade religiosa que não se inscreve nos ritmos da vida ordinária e rompe com o ordenamento regular do tempo das observâncias praticantes”¹⁷. Isto acontece devido à mobilidade humana pois, através dela, a experiência religiosa ganha uma composição diferente, transformando-se numa peregrinação. Assim o peregrino mesmo que faça parte de uma comunidade, devido à mobilidade inerente à peregrinação, pode viver de uma forma personalizada a fé, construindo assim a sua biografia de experiências únicas, pessoais e irrepetíveis, pelos caminhos que vai traçando. Por este motivo, um elemento essencial à vivência do peregrino é a experiência religiosa, que “não implica sempre a adesão completa a uma doutrina religiosa, nem a incorporação efectiva numa comunidade, sob o controlo de uma instituição que fixe as condições da pertença”¹⁸.

O peregrino assume uma prática religiosa voluntária que pode diluir-se no seu individualismo, um “«supermercado religioso» onde cada um «enche o seu carrinho» em função das suas necessidades e dos seus gostos”¹⁹. Esta realidade está bem presente nos eventos de grandes massas, como as Jornadas Mundiais de Juventude, onde os jovens podem conhecer muitos outros jovens que estão a fazer a mesma experiência religiosa (em parte), mas sem um verdadeiro compromisso de continuidade, fazendo assim da sua prática uma prática excepcional, a qual só acontece quando dela sentem falta.

16 Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 95.

17 Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 110–111.

18 Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 100.

19 Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 115.

O peregrino é a figura religiosa em movimento, mas que por vezes pode estar a viver uma espiritualidade personalizada e, por isso, muitas vezes afastado do compromisso associado a uma comunidade.

2.2.2. O convertido²⁰

A figura do convertido caracteriza-se, sem dúvida, pela mobilidade. A identidade religiosa moderna, apesar da diminuição da influência das instituições religiosas, continua a manifestar-se com o aumento das conversões. Mas nem todas as conversões são iguais. Podemos caracterizá-las em três grandes grupos:

- a) A mudança de religião - expressa pela rejeição da identidade herdada e substituição por outra. Uma adesão pessoal a um trajeto espiritual, com o qual o indivíduo se identifica mais, pondo assim de lado o outro, que assume como imposto e errado.
- b) A adesão a uma religião - realização de um itinerário de descoberta pessoal e adesão a uma expressão religiosa organizada ou espiritualidade, por parte daquele que nunca teve qualquer tradição religiosa.
- c) A reintegração numa religião - redescoberta da sua identidade religiosa e adesão completa à mesma. Parte de um processo de reaprendizagem da educação recebida na infância dentro de uma religião.

Independentemente da forma que levou o convertido a aderir a uma identidade religiosa, é evidente a existência de uma procura espiritual numa sociedade secularizada. “Converter-se é, em princípio, abraçar uma identidade religiosa na sua integridade”²¹. Por isso, o próprio processo de adesão é demorado. Existe de certa forma uma provação da pessoa que pretende integrar a comunidade.

20 Cf. Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 119-128;143-151.

21 Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 144.

Portanto, o convertido é aquele que adere a uma religião de livre vontade, marcado por um «encontro espiritual». A sua adesão implica-o subjetivamente e não apenas sob o ponto de vista das observâncias, como acontece muitas vezes com o praticante.

2.3. *O turista – peregrino?*

Socialmente, o peregrino é associado à figura do religioso em movimento. Naturalmente, devido à tradição, consideramos que ser peregrino implica uma certa dimensão religiosa, sabendo que nem sempre existe uma adesão completa a uma doutrina religiosa ou uma relação próxima com alguma instituição, como podemos ver. Muitas vezes “o fundamento das peregrinações é tipicamente marcado por visões, milagres, ou martírios”²², mas só perante uma resposta pessoal de quem adere podemos ter uma peregrinação.

Fazendo uma aproximação das figuras sociais do turista, segundo Bauman, e do peregrino, segundo Hervieu-Léger, podemos dizer que a mobilidade de ambos é motivada pela emoção da descoberta e pela realização pessoal, marcadas no indivíduo pós-moderno pela vontade de querer ter uma vida agradável. Por isso, a reflexão sobre a «qualidade de vida» tornou-se o núcleo da crítica quotidiana. Também na atualidade, se pode verificar que um dos elementos mais importantes desta mesma «qualidade de vida» é o lazer, a referência principal do turista. Sabendo que esta realidade é, devido a estratégias de vida pós-modernas, guiada por princípios heurísticos, segundo os quais o compromisso é um tópico a evitar, pois tranca as possibilidades futuras.²³ Assim sendo, o turista acaba por ser o culminar desta realidade. Vivendo uma vida moralmente pobre, mas ao mesmo tempo “ideal para os perseguidores de sensações agradáveis, exclusivamente orientados por um interesse de ordem estética”²⁴.

22 “A pilgrimage’s foundation is typically marked by visions, miracles, or martyrdoms”. Victor Turner & Edith Turner, *Image and pilgrimage in christian culture* (New York: Columbia University Press, 2011), 25.

23 Cf. Bauman, *A vida fragmentada*, 83–86.

24 Bauman, *A vida fragmentada*, 140.

Na sua estruturação, Bauman, faz uma análise pessimista da figura do turista, que mesmo sendo em parte realidade, seria muito redutor pois, apesar da visão negativa do ser humano na questão da mobilidade, na verdade “o turista, mesmo sem grande armadura religiosa, não deixa de ser marcado pelo religioso”²⁵. Uma expressão bem visível no «Turismo Religioso», em que o ser humano também faz do seu passeio de lazer uma experiência religiosa. O ser humano poderia escolher não visitar este património e ficar-se pelo restante, mas escolhe fazê-lo e, por isso, temos de valorizar o que existe de positivo nessa escolha. As próprias entidades turísticas, pelo facto de haver procura destes lugares com conotações ou relevância religiosas, criam os seus pacotes turísticos, já tendo em conta o fator religioso. Isto porque a vida moderna é marcada, segundo Valéry, pela incessante busca de satisfação das necessidades que só passam a existir depois de inventado algo de novo. A interpretação desta insatisfação cria no homem a necessidade de gerar a doença que esta invenção poderia curar ou a sede que as suas propriedades permitem saciar.²⁶ O querer corresponder a esta necessidade transformou-se então na prioridade da vida humana. Não estamos com isto a dizer que as pessoas não queiram verdadeiramente fazer uma experiência religiosa, mas antes que os atrativos da viagem contemplem mais outros fatores, além da possível peregrinação, dependendo assim da vontade da pessoa que realiza a viagem.

Por este motivo, o turismo pode ser compreendido, até certo ponto, como a nova forma de peregrinação. A sede do «sagrado», que continua presente no homem, permite esta aproximação. Por isso, nos próximos anos em Portugal com o crescimento do turismo o trabalho pastoral terá de contemplar, muitas vezes, o turista como um peregrino.

25 José da Silva Lima, *A peregrinação. Percursos e palavra* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007), 60.

26 Cf. Bauman, *A vida fragmentada*, 83.

3. Interpretação eclesial do turismo

Normalmente, o turismo remete para “uma prática religiosa também importante e presente em toda a história da Igreja, a Peregrinação; em alguns momentos, de facto, o turismo apresenta-se quase como uma versão secularizada da Peregrinação”²⁷. Por este motivo, para se compreender o turismo aos olhos da Igreja é necessário apreender a peregrinação.

3.1. A peregrinação e condição humana

Em primeiro lugar, a peregrinação, que nasce da relação com Deus, é vista pela Igreja como uma percurso, realizado a partir da fé, para outro lugar, sem olhar para trás. Demonstrando que a mobilidade humana é um “sinal eloquente de que o homem e a mulher encerram em si a consciência da auto-transcendência a partir da dupla/múltipla pertença a pátrias que o explicam como peregrino”²⁸.

Normalmente, fundamentamos esta dimensão peregrina no Povo de Deus. Mas, para a Igreja, o peregrinar tem uma origem natural, a qual é simbólica representada em Adão e Eva. Na «expulsão» do Éden (cf. Gn 3,23-24) podemos encontrar a presença da peregrinação, mas em situação inversa. Com esta saída do paraíso temos então o princípio da dimensão peregrina do ser humano. Adão e Eva mostram que como eles, todo o ser humano é um peregrino à procura de viver a experiência do filho pródigo, arrependendo-se e voltando para a casa do Pai (cf. Lc 15,11-32). Por isso, podemos afirmar que “a peregrinação simboliza a experiência do *homo viator* que, apenas saído do seio materno, empreende o caminho do tempo e do espaço da sua existência”²⁹.

27 “Una práctica religiosa también importante y presente en toda la historia de la Iglesia, la Peregrinación; en algunos momentos, de hecho, el turismo se presenta casi como una versión secularizada de la Peregrinación”. Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «La Pastoral del Turismo en la misión evangelizadora de la Iglesia», 2003.

28 Rui M. da Silva Pedro, «O pensamento da Igreja em relação às migrações humanas», *Communio - Revista Internacional Católica* XXIII, n. 3 (2006): 337–338.

29 Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação no Grande Jubileu do Ano 2000», 11 de Maio de 1998, 43.

A capacidade de interpretar a condição de itinerância permite à pessoa humana reconhecer as suas fragilidades e “pode tornar-se sinal vivo de uma vocação eterna, impulso contínuo àquela esperança que, apontando um futuro além do mundo presente, solicita deste a transformação na caridade e o cumprimento escatológico” (EM 18). A partir desta experiência, o povo pode afirmar «diante de Vós, não passamos de estrangeiros e peregrinos, como todos os nossos pais» (Cr 29,15) e reconhecer que o seu caminhar é algo intrínseco ao ser povo de Deus, como aconteceu com Abraão.

“O caminho de Abraão rumo a Canaã, vivido sob o signo da obediência e sofrimento (Gn 12,1-3; 1Co 10,1-11), a «promessa de uma terra onde corre leite e mel» atinge, de maneira absoluta, na vida, na palavra e sinais de Jesus Cristo a plenitude dessa itinerância proclamando-se ele mesmo «Caminho, Verdade e Vida» (Jo 14,5-6) para todos os que procuram viagens na promessa.”³⁰

Através do caminhar de Abraão, o povo de Deus reconhece a marca evidentemente presente na vida de todos os peregrinos, a fé, que se torna o alicerce da promessa (cf. Hb 11,8-9.13) e necessária para caminhar por rumo incerto.³¹ O peregrinar ultrapassa a vivência terrena quando se tem consciência de que “a meta última é, na realidade, a terra prometida da plena comunhão com Deus numa criação renovada”³². O alicerce da vivência terrena está na alegria, sinal da presença de Deus, «felizes os que habitam em Vossa casa, sempre Vos hão de louvar. Felizes os que em Vós têm a sua força, que têm a peito as peregrinações» (Sl 84,5-6). O caminhar para Deus torna-se o princípio da peregrinação.

Por outro lado, o povo é peregrino como o próprio Deus (cf. Dt 2,7). Esta dimensão peregrina de Deus ganha uma nova dimensão com Jesus Cristo. “A peregrinação terrena de Cristo abre-se para o infinito e o mistério de Deus, para além da morte”³³. Com a encarnação,

Deus completa o Seu peregrinar neste mundo sendo homem como todos nós e através desta

30 Pedro, «O pensamento da Igreja em relação às migrações humanas», 338–339.

31 Cf. Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 4–8.

32 Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 6.

33 Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 10.

presença física, mostra aos seus apóstolos o caminho, sabendo que Ele próprio é o Caminho, «a via» por excelência, e assim ensina também os apóstolos a caminhar para Deus. Do exemplo de Cristo, cuja peregrinação na terra só termina com a Ascensão, aprendemos juntamente com os apóstolos que a nossa condição de «hóspedes e peregrinos» (Ef 2,19; 1Pd 2,11) é para ser vivida neste mundo até ao dia em que seremos «concidadãos dos santos e membros da família de Deus» (cf. Ef 2,19).³⁴

Partindo do testemunho de Jesus Cristo, a Igreja, que é constituída por pessoas e povos, considera-se também peregrina. Por isso, o cristão, ao longo da história, realizou a sua peregrinação, um processo de conversão e necessidade de intimidade com Deus, dirigindo-se para os santuários, “lugares que indicam a memória do Senhor ou daqueles que representam momentos importantes da história da Igreja”³⁵. Também é importante referenciar que os santuários se tornam “para os peregrinos à procura das suas fontes vivas, lugares excepcionais para viver «em Igreja» as formas da oração cristã” (CEC 2691) e assim se encontrarem com Deus.

Durante esta sua peregrinação terrena, o ser humano pode reconhecer a graça e misericórdia concedida por Deus até terminar a sua peregrinação, com a sua morte (cf. CEC 1013). Portanto, este caminhar é, em primeiro lugar, espiritual, algo interior para a alma, mas que necessita da realização de um itinerário físico de forma a passar “da vida no corpo à vida no Senhor”³⁶. Devido às dificuldades presentes no itinerário, a Igreja mostra a importância de saber caminhar em conjunto, conviver com as pessoas – sendo o centro da “convivência humana é o respeito pela dignidade de cada indivíduo, criado à imagem de Deus e, por conseguinte, irmão de todos os outros”³⁷ – que podem ajudar a caminhar, porque ninguém se salva a si mesmo (cf. Lc 17,33). “O peregrino encontra o mistério de Deus,

34 Cf. Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 11.

35 Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 2.

36 Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 13.

37 João Paulo II, «MDMT 2004», 30 de Maio de 2004, 1.

descobrir o Seu rosto de amor e de misericórdia”³⁸ no outro. Desta forma, o caminhar da Igreja implica, como Jesus Cristo, abraçar a fragilidade humana de fim de “transformar a viagem de dolorosa *via crucis* em libertadora *via lucis*”³⁹. Por isso, ser cristão implica ser o «bom Samaritano» que percorre a estrada “pronto a socorrer e a acompanhar o irmão à hospedaria da caridade fraterna e da convivência solidária”⁴⁰.

3.2. *A relação entre peregrinação e turismo*

Facilmente encontramos nos estudos uma fusão entre o turismo e a peregrinação. A própria peregrinação, na modernidade, é considerada uma viagem tanto secular como religiosa, tendo em conta a necessidade humana de deslocação, que foi rapidamente acentuada pelo “desenvolvimento dos meios de comunicação, bem como por uma maior liberdade de circulação de pessoas e bens entre os estados, e por uma homogeneização jurídica e social mais concretas” (OPT 3).

Muitas vezes, para definir esta união ou relação entre turismo e peregrinação ouvimos falar no «turismo religioso». Sabemos que a peregrinação ocorre devido a uma crença específica associada ao lugar sagrado. Quando agregamos a peregrinação ao turismo, corre-se o risco de o reduzir a uma visita de um lugar com significado ou conotação religiosa, como um santuário, em vez de ser valorizada a descoberta pessoal e o desenvolvimento espiritual relacionado com a viagem realizada a esse lugar.⁴¹ Por outro lado, a maior parte do património que tem interesse cultural é religioso. Logo, não é de estranhar que seja muito visitado mesmo pelos que se considerem ateus, de forma a observar as maravilhosas obras de arte humana. Portanto, “não interessa o nome da viagem e do organizador, a sua natureza será dada pelo que o participante construir, seja individualmente, ou num grupo. A viagem é o que

38 Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 33.

39 Pedro, «O pensamento da Igreja em relação às migrações humanas», 345.

40 Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «A Peregrinação», 25.

41 Cf. Violeta Puşcaşu, «Religious tourism or pilgrimage?», *European Journal of Science and Theology* 11, n. 3 (2015): 134.

os próprios participantes são”⁴². Assim sendo, o termo «turismo religioso» torna-se um rótulo problemático, fazendo com que tudo possa ser reduzido ao que não é.

O mais importante e que deve ser sublinhado é que as pessoas visitam estes lugares e querem conhecê-los. Igualmente se deve sublinhar que cresce, através das viagens, o conhecimento e a disponibilidade de acolher quem se encontra ao longo do caminho:

«Aquele que viajou conhece muitas coisas, e o de grande experiência discorre sabiamente. Aquele que não tem experiência, pouca coisa sabe, mas o que viajou é rico em experiência. Vi muitas coisas nas minhas viagens, e o meu saber ultrapassa as minhas palavras» (Sir 34, 9-11).

Independentemente das razões que levam a viajar, no caminho torna-se “mais palpável a diversidade entre as civilizações, as culturas, as condições sociais e as religiões”⁴³, ou seja o encontro realizado proporciona o diálogo e as experiências com os outros povos e pessoas, permitindo assim a criação de laços e, conseqüentemente, a abolição de conflitos. Por conseguinte, a Igreja vê “nas migrações um dos melhores sinais indicadores da evolução da convivência e paz entre os povos”⁴⁴ e “um importante «sinal dos tempos», um desafio a ser descoberto e valorizado na construção de uma humanidade renovada e no anúncio do Evangelho da paz” (EM 14). Podemos ousar dizer o mesmo em relação ao turismo.

3.3. Turismo, um sinal dos tempos

No Concílio Vaticano II, existe uma preocupação focada na dimensão do repouso, na sua relação com todas as outras dimensões humanas. Mesmo para a Igreja, seria impossível pensar na vida humana sem falar do «direito ao repouso». Como reafirma o magistério social de S. João Paulo II: “Trata-se aqui, antes de mais nada, do repouso semanal regular,

42 “No matter the name of the journey and the organizer, its nature will be given by what the participants build, either individually, or in a group. A journey is what the participants are themselves”. Pușcașu, «Religious tourism or pilgrimage?», 141.

43 João Paulo II, «MDMT 2003», 11 de Julho de 2003, 3.

44 Pedro, «O pensamento da Igreja em relação às migrações humanas», 349.

compreendendo pelo menos o domingo, e além disso de um repouso mais longo, as chamadas férias, uma vez por ano ou, eventualmente, algumas vezes durante o ano, divididas por períodos mais breves” (LE 19). A pessoa, na sua vivência quotidiana, tem de trabalhar e, por isso, necessita do lazer para poder sair “da rotina e da fadiga que lhes oprimem os dias de labor”⁴⁵. Sem ele, o trabalho pode levar à incapacidade de ter alegria no que faz e, por isso, pode acabar-se por fazê-lo mal. Como nem sempre é possível juntar as duas dimensões – trabalho e lazer –, torna-se indispensável a existência de um tempo livre, onde o homem pode usar a sua criatividade. Quando isto acontece, permite ao homem continuar a ser produtivo no seu trabalho, sem chegar ao ponto de rotura.⁴⁶

O facto de existir uma tão grande “diversidade de divertimentos é uma graça e é uma prova da riqueza da condição humana”⁴⁷ que permitem o repouso humano. O turismo, neste grande oceano, acaba por ser apenas uma pequena gota mas não quer dizer que seja insignificante. O turismo realmente permite evitar o *dolce far niente*, criando mecanismos que levam a pensar o tempo livre como uma ferramenta de crescimento cultural e espiritual, permitindo ao mesmo tempo o repouso do corpo e mente (cf. OPT 7).

A forma de captar a atenção do homem para o mais importante, em vez das outras coisas num mundo «cheio de luzes e barulhos», tornou-se uma competição. Existe, assim, um perigo que deve ser evitado: “o tempo de férias não pode ser pretexto para a irresponsabilidade nem para a exploração: ao contrário, é um tempo nobre, no qual cada um pode agregar valor à sua vida e à dos outros”⁴⁸. Com esta afirmação, a Igreja pretende que se tome consciência de que todo o tempo é uma dádiva e, por isso, deve ser vivido como tal. Então, o cristão tem o dever de aproveitar as suas férias e viagens para colmatar as lacunas na sua vivência espiritual bem como “as carências de humanidade, que muitas vezes se

45 João Maia, «Dimensão lúdica do homem», *Brotéria Cristianismo e Cultura* 117, n. 1 (1983): 90.

46 Cf. Maia, «Dimensão lúdica do homem», 92–93.

47 Maia, «Dimensão lúdica do homem», 90.

48 Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, «Turismo sustentável. um instrumento ao serviço do progresso», 27 de Setembro de 2017, 3.

experimentam na existência quotidiana”⁴⁹.⁵⁰ Sem esquecer, como nos adverte o Papa S. João Paulo II, “que ninguém caia na tentação de fazer do tempo livre um tempo de «repouso dos valores»”⁵¹. Como parte integrante da vivência cristã, o tempo de férias deve ajudar a pessoa a crescer integralmente em todas as atividades que pratica. Assim, o cristão “no tempo livre ou durante uma viagem turística, ou seja, quando pode dedicar-se a uma contemplação mais tranquila do «rosto de Cristo» no próximo”⁵² também é chamado a ser discípulo de Cristo.

O turismo, porque é um fator importante de mundialização “capaz de provocar mudanças radicais e irreversíveis nas culturas das comunidades que recebem”⁵³, permite o diálogo essencial para que não se perca a riqueza de cada cultura e se enriqueça as outras que a rodeiam. Por este motivo, “o turismo deve ser considerado como uma expressão particular da vida social, com os seus aspectos económicos, financeiros e culturais, e com consequências decisivas para os indivíduos e os povos”⁵⁴. A atividade turística também permite criar mecanismos de luta contra a pobreza dado que, “viajando, o homem conhece diferentes lugares e situações, dando-se conta da profundidade do fosso entre os países abastados e as nações pobres”⁵⁵. O turismo não pode então ser um ultraje à pobreza, antes deve ajudar a desenvolver algo que beneficie todos os indivíduos e sociedade que o envolve.⁵⁶

Não se pode perder de vista que o turismo tem “uma tendência a instrumentalizar, para fins comerciais, os vestígios de «civilizações primitivas» e os «ritos de iniciação ainda praticados» nalgumas sociedades tradicionais”⁵⁷, ou seja a focar-se na questão económica acima da cultural. Por isso, o cristão deve tentar reverter esta tendência, colocando a pessoa em primeiro lugar, preservando a sua identidade.

49 João Paulo II, «MDMT 2002», 1.

50 Cf. João Paulo II, «MDMT 2000», 29 de Julho de 2000, 4.

51 João Paulo II, «MDMT 2001», 9 de Junho de 2001, 4.

52 João Paulo II, «MDMT 2003», 3.

53 João Paulo II, «MDMT 2001», 2.

54 João Paulo II, «MDMT 2003», 1.

55 João Paulo II, «MDMT 2003», 2.

56 Cf. João Paulo II, «MDMT 1982», 27 de Setembro de 1982, 5.

57 João Paulo II, «MDMT 2001», 2.

A partir do documento *Gaudium et Spes*, podemos falar do turismo como um «sinal dos tempos», devido ao seu crescimento e procura. “O turismo é, com efeito, um fenómeno que, para lá de proporcionar a satisfação e a realização pessoal, se converteu num fator importante na construção da nova relação entre os povos e os países, surgida, sobretudo, no processo de globalização”⁵⁸. Ser um «sinal dos tempos» está relacionado, como próprio nome indica, com o mundo contemporâneo. Submetido ao dinamismo temporal, o turismo torna presente o dever profético, como em muitas outras situações, guiado pela *lumen fidei*.

Por isso, o relacionamento existente entre o hospedeiro e o hóspede, ou seja a hospitalidade, se torna o alicerce do edifício que é o turismo. Ser capaz de coordenar a fé e o trabalho enquanto realidades que não são independentes ou antagónicas.

58 “El turismo es, en efecto, un fenómeno que, más allá de proporcionar la satisfacción y la realización personal, se ha convertido en un factor importante en la conformación de la nueva relación entre los pueblos y los países, surgida, sobre todo, en el proceso de globalización”. Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «El Magisterio de la Iglesia y el Turismo signo de los tiempos», *People on the Move*, n. 101 (2006).

CAPÍTULO III

A HOSPITALIDADE NA VIVÊNCIA DAS COMUNIDADES CRISTÃS

1. A hospitalidade – um desafio para os cristãos

A hospitalidade deve ser vista como um catalisador de relações de partilha e comunhão por isso o cristão é chamado a criar oportunidades que permitam este encontro tão desejado com Deus que muitas destas pessoas, que se aproximam dos nossos lugares de culto, procuram.¹ Porque o “homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é *a primeira e fundamental via da Igreja*, a via traçada pelo próprio Cristo, a qual nos conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção” (RH 14).

O nosso itinerário, neste desenvolvimento, será realizado a partir da perspectiva da hospitalidade. É necessário compreender o que é e como se aplica na vida cristã, onde o dever é exercê-la sem qualquer queixa (cf. 1Pe 4,9), como via de satisfação.

1.1. A noção de hospitalidade

A hospitalidade é definida vulgarmente como uma “acção de receber gratuitamente na própria casa, por caridade, liberdade, amizade ou delicadeza, um amigo ou estranho”². A hospitalidade, assim sendo, é uma qualidade do ser humano, que se demonstra na capacidade de receber ou acolher outras pessoas de uma forma agradável e afetuosa. Por isso, é impossível falar-se da hospitalidade sem ter em conta a valorização da pessoa ou a capacidade de ver o outro como pessoa. Este componente é “indissociável do laço familiar, social,

1 Cf. Scott Moore, «Hospitality as an Alternative to Tolerance», *Communio: International Catholic Review* XXVII, n. 3 (2000): 604.

2 João Pereira Neto, «Hospitalidade», *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Lisboa: editorial Verbo, 1998), 526–527.

político, jurídico, étnico, comunitário, da nação e do povo, onde, de uma certa maneira, se inscreve”³, por isso independente da razão da sua visita.⁴

A hospitalidade é o ponto de partida para se poder reconhecer as vulnerabilidades e dependências presentes na vida humana e concretizar uma resposta possível para as mesmas, ou seja, uma ferramenta que ajuda a transformar o mundo aos poucos, para que este seja menos inóspito para todo o ser humano, permitindo assim viver longe das intempéries. Mas não se trata de uma ferramenta adquirida a priori, exige um treino de humildade que permite uma experiência mais respeitosa de acolhimento do outro.⁵ Com isto, “o hóspede é um desafio à nossa comodidade, à nossa razoabilidade e ao nosso bom senso. O hóspede não só põe à prova a nossa comodidade como a possibilidade de mantermo-nos despertos e jovens ante a tentação da rotina”⁶. A atenção à necessidade do próximo, de conseguir corresponder às suas vulnerabilidades, implica que a pessoa que acolhe se torne vulnerável, pois tem de expor-se, o que permite um possível abuso, por parte do hóspede, da sua hospitalidade. Contudo, sem esta vulnerabilidade não existe uma comunidade genuína.⁷

1.2. A hospitalidade, acolhimento de estranho que se converte em hospedes

Na contemporaneidade, a hospitalidade muitas vezes é vista como um direito que deve ser oferecido ao estrangeiro. Prática esta que nasce das raízes cristãs, sendo este por sua vez influenciado por outras culturas anteriores. De forma mais concreta, vejamos como era vista tanto pelo povo grego como pelo povo judeu, nos quais encontramos uma singularidade na hospitalidade que desde sempre é uma prática necessária e fundamental.

3 Fernanda Bernardo, «A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II)», *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 22 (2002): 422.

4 Cf. Moore, «Hospitality as an alternative to tolerance», 604.

5 Cf. Agustín Domingo Moratalla, «La hospitalidad como valor y virtud. Cinco propuestas para una educación integral», *Scripta Fulgentina*, n. 31–32 (2006): 139–140.

6 “El huésped es un desafío a nuestra comodidad, a nuestra razonabilidad y a nuestra cordura. El huésped no sólo pone a prueba nuestra comodidad sino la posibilidad de mantenernos despiertos y jóvenes ante la tentación de la rutina.” Domingo Moratalla, «La hospitalidad como valor y virtud. Cinco propuestas para una educación integral», 147.

7 Cf. Moore, «Hospitality as an alternative to tolerance», 607.

Para os gregos a hospitalidade era um direito do estrangeiro, mas dentro de um contexto próprio. A pessoa só é chamada de estrangeiro quando está ligada a um povo concreto, tem nome, não é um simples anónimo, ou seja, um helénico. Por ser helénico, ser acolhido fazia parte dos seus direitos. No caso de a pessoa não ser helénica, este direito não existia e, por isso, era tratada como bárbara. Portanto, a hospitalidade não se tratava de uma realidade universal. Antes aplicava-se a um estrangeiro próximo.⁸

Para o judeu “a hospitalidade exercita-se singularmente com os emigrantes e os viajantes, aos que se assemelham os pobres e necessitados”⁹. Corresponde a uma prática que deve ser aplicada a cada pessoa que possa passar perto de si. Assim, a hospitalidade representa, em primeiro lugar, a forma de atuar de Deus – Dt 10,18; Sal 146,9; Mal 3,5 – que exige ao judeu uma imitação do seu próprio Deus. Por outro lado, o facto de o povo ter sido peregrino na terra do Egito – Ex 23,9; Lv 19,33-34 – implica o respeito pelo emigrante, que é visto como um imperativo categórico, fundamentado na sua própria experiência e, por isso, a hospitalidade integra de forma plena as obras de misericórdia.¹⁰ Por isso, “o hóspede, uma vez aceite é sagrado, e deve ser protegido de qualquer perigo”¹¹.

A tradição bíblica apresenta-nos, de certa forma, Deus como o modelo da hospitalidade para todos sem distinção, pois a Sua ação nasce do entendimento, do acolhimento e do amor. Deus é o grande anfitrião que acolhe toda a Sua criação de igual modo. O grande exemplo e protótipo humano da hospitalidade, tanto para o povo judeu como para o cristão, é Abraão, o qual é capaz de acolher todo o viajante sem qualquer critério prévio. Na sua dinâmica de hospedeiro, sendo até considerado pela tradição rabínica o primeiro a incorporar emigrantes à comunidade de Israel, Abraão é o elo que permite ao

8 Bernardo, «A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II)», 434.

9 “La hospitalidad se ejercita singularmente com los emigrantes y los viajeros, a los que se asimilan los pobres y necesitados.” Miguel Pérez Fernández, «La hospitalidad en el tradición judía», *Scripta Fulgentina*, n. 31-32 (2006): 39–40.

10 Cf. Pérez Fernández, «La hospitalidad en el tradición judía», 41–42.

11 John McKenzie, «Hospitalidade», *Dicionário Bíblico* (São Paulo: Paulus, 2003), 429.

forasteiro sentir o chamamento de Deus. Assim, todos aqueles que procuram a Deus podem, através da ação de Abraão, encontrá-lo. Cumprindo-se assim, através desta sua forma de agir, a promessa de Deus para com Abraão: “Farei de ti um grande povo [...]. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas” (Gn 12,2s).¹²

O gesto da hospitalidade, por si só, transforma completamente a dinâmica da relação entre as pessoas envolvidas. “O bom anfitrião faz festa para seu hóspede, festa como nunca é preparada para a família”¹³. Hospedar o estrangeiro e o estranho com necessidades e conviver com eles, mesmo que seja por um momento, revela o toque divino na humanidade. Através deste gesto de amor para com o próximo mais carenciado, a humanidade demonstra a pertença a uma família única, a família humana.¹⁴

1.3. A hospitalidade no cânone cristão

O Cristianismo, que tem as suas raízes no judaísmo, vê igualmente na hospedagem de alguém uma oportunidade, como nos diz S. Paulo, de partilhar com os santos que passam necessidade (Cf. Rom 12,13), dado que toda a pessoa pertencente à comunidade cristã é concidadã dos santos e membro da casa de Deus (cf. Ef 2,19).

“Na Igreja primitiva, a hospitalidade foi sobretudo a prática com a qual os cristãos responderam também às exigências dos missionários itinerantes, chefes religiosos exilados ou de passagem, e pessoas pobres das várias comunidades” (EM 16), era um ato de todos e para com todos, sem aceção de pessoas. Como nos diz Jesus: “Quem acolher este menino em meu nome, é a mim que acolhe, e quem me acolher a mim, acolhe aquele que me enviou” (Lc 9,48). O ato de fazer aos outros o que se gostaria para si passa a focar-se em Jesus, uma mudança necessária, pois nem todos os povos têm a experiência da escravatura ou de ser peregrinos ou itinerantes. O núcleo transforma-se sem mudar o cunho; Jesus veio para todos

12 Cf. Pérez Fernández, «La hospitalidad en el tradición judía», 46–48; 58.

13 McKenzie, «Hospitalidade», 429.

14 Cf. Leonardo Boff, *Virtudes para otro mundo posible. I. Hospitalidad. derecho y deber de todos* (Santander: Sal Terrae, 2007), 86–87.

e, por isso, é necessário e de extrema importância colocar todo o ser humano no mesmo nível. A incapacidade de relacionar-se com a realidade do outro impossibilitaria concretizar este dever.

O cristão é chamado a comportar-se de uma forma mais altruísta, a participar através das obras de misericórdia. “Podemos nós reconhecer que é precisamente isto o que nos exige Jesus quando diz que a Ele mesmo recebemos em cada forasteiro (Cf. Mt 25,35)?” (GE 102) pergunta-nos o Papa Francisco. A resposta está no Evangelho: “porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo” (Mt 25,35s). O sinal de ser Igreja está conectado à substância que faz dela testemunha do Evangelho. O cristão, vivendo a sua vocação, está em permanente exílio, um peregrino nesta terra até ao dia em que entra no Reino dos Céus. Por isso, a sua ação de acolhimento não ocorre em nome pessoal, mas em nome da Igreja que é composta pelos diversos membros, manifestado por uma diversidade cultural e étnica. Dado que todos pertencem a este povo (cf. EM 22).

No corpus paulino, encontramos uma das principais fontes para pensar a hospitalidade cristã. Podemos fazer esta afirmação pois ao longo das suas cartas encontramos bem delineada a importância da hospitalidade. Por exemplo, na Carta aos Romanos, na qual demonstra uma profunda gratidão para com Gaio, que o acolheu como hóspede (cf. Rm 16,23) e na Primeira Carta aos Tessalonicenses, onde demonstra a sua satisfação pelo procedimento dos cristãos e como este seu comportamento levou à conversão de diversos irmãos (cf. 1Tes 1,9).

São Paulo assume como fundamental o ensinamento de Cristo e, por isso, incentiva os cristãos das diversas comunidades, formadas pela sua pregação, a ter o comportamento correto: «Acolhei-vos uns aos outros, na medida em que também Cristo vos acolheu, para

glória de Deus» (Rm 15,7). São Paulo fomenta um comportamento que não se fica pelas palavras, que exige a prática própria do seguidor de Cristo, fundamental no ser cristão. Neste excerto da Carta a Timóteo, podemos conferir um exemplo concreto deste testemunho:

«Só pode ser inscrita como viúva a que tiver pelo menos sessenta anos, tiver sido esposa de um só marido, gozar do testemunho de boas obras, tiver educado os filhos, praticado a hospitalidade, lavado os pés dos santos, assistido os atribulados e for dedicada a toda a obra boa.» (1Tim 5,9s)

A hospitalidade é, então, um dos critérios para ser inscrita como viúva. Na verdade, São Paulo poderia ter omitido este aspeto na sua descrição, dado que lavar os pés e assistir os atribulados implica o dever da hospitalidade, mas ao fazê-lo sublinha a importância do conjunto. Não é só com o gesto de lavar os pés ou assistir os atribulados, trata-se de algo mais profundo que está intimamente ligado a todo o processo de receber e acolher o fraco na fé com amor (cf. Rm 14,1).

Outro defensor da hospitalidade é São Pedro. Na 1ª Carta de Pedro encontramos uma valorização das boas obras, mantendo uma «intensa caridade» para com todos (cf. 1Pe 4,7-11). Um apelo à santidade, através do amor fraterno (cf. 1Pe 1,22). São Pedro fala-nos então da pregação para com os não-cristão pelo testemunho como um procedimento silencioso e eficaz que vai acontecendo no dia-a-dia, cujo resultado será visível (cf. EN 21): “os pagãos saberão reconhecer o valor das «boas obras» dos cristãos, e, por sua vez glorificarão a Deus”¹⁵. Por isso, neste caminho que deve ser realizado pelo cristão, São Pedro relembra de forma vigorosa que, apesar da destruição do mundo em prol do novo, o rumo à santidade exige da nossa parte a realização das obrigações terrenas e a refutação do desejo egoísta (cf. 2Pe 3,11-14). O cristão é chamado a ser exemplo concreto de Cristo até ao fim, como o próprio Jesus fez por nós.

15 Edouard Cothenet, *As cartas de Pedro*, Cadernos bíblicos 52 (Lisboa: Difusora Bíblica, 1996), 24.

Claramente, para São Paulo e São Pedro, a hospitalidade é uma aplicação prática do Evangelho, uma prática quotidiana que exige a nossa entrega e dedicação pelo amor. Com este tipo de comportamento, o cristão assume um caminho para a santidade, a qual é um dos elementos fundamentais do batismo e conseqüentemente do ser cristão. Apesar de na Igreja, nem todos traçarem o mesmo caminho, todos são chamados à santidade (cf. LG 32). Este trajeto de santificação é, em primeiro lugar, um caminho comunitário, um caminho que se faz dois a dois (cf. Mc 6,7; Lc 10,1) com os olhos postos no Senhor até se chegar à meta, onde estaremos em plena comunhão com Deus. Pois ninguém consegue por si só chegar lá.

Como podemos ver anteriormente, a hospitalidade é, então, uma forma de santidade que nasce do acolhimento. “Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos” (Hb 13,2); esta afirmação, tão sugestiva, fala-nos da manifestação de Deus, não no hospedeiro, mas antes no hóspede. A possibilidade de, no nosso gesto de receber, se manifestar a presença de Deus na nossa vida, em vez de na vida daquele que é acolhido. Portanto, aqueles que caminham anunciando o Evangelho podem apresentar-se à nossa porta e ter necessidade de serem acolhidos e, por conseguinte, receber o seu salário (Cf. Lc 10,7). A ação do cristão recai sobre o que falámos anteriormente. Nesse momento, o cristão tem a oportunidade de manifestar o amor altruísta e sem discriminação agindo «como Cristo», tendo uma atenção especial ao cuidado dos pobres e peregrinos, ou seja, os mais fracos (cf. GE 102). Dado que “os mais pobres e vulneráveis devem ser os primeiros destinatários da acção da Igreja”¹⁶.

O Papa Francisco, na sua última exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, mostra-nos que o núcleo da santidade está na dignidade do ser humano. Por isso, a nossa reacção, a partir da fé e da caridade, deve ser sempre a de acolher o outro como imagem de Deus, digno de todo o nosso apreço e consideração, mesmo que este seja considerado pela

16 António Marujo, «O que esperamos e desejamos da Igreja?», *Eborensia* XXVII, n. 48 (2014): 223.

sociedade como um monte de lixo (cf. GE 98). Este é um gesto fundamental que leva à santidade. Para tal, a comunidade neste processo de santidade torna-se essencial.

2. A comunidade cristã e a sua vivência no mundo

Desde sempre que a comunidade cristã reflete e atua num princípio de partilha e comunhão. Mas, nos tempos que correm, esta dimensão parece aos poucos diluir-se noutras propostas que inundam de medo e receio a presença do outro, principalmente o estrangeiro.

A presença de Deus na cidade manifesta-se, em primeiro lugar, a partir da experiência da comunhão. Mas é necessário ter consciência que a cidade já não é apenas uma comunidade, sob a presidência de um bispo, antes um conjunto de comunidades, entregues à responsabilidade de presbíteros, nas quais estão presentes diversos cristãos que têm origens múltiplas e que, muitas vezes, não se conhecem entre si, mesmo na própria comunidade.¹⁷ Fazendo assim das nossas cidades cada vez mais o mundo em pequena escala. Esta realidade presente nos nossos dias cresceu a partir da convergência das pessoas para locais que permitiram uma melhor qualidade de vida, como podemos ver em “Mobilidade humana: fatores de caracterização”. Infelizmente, neste processo a integração social não foi uma prioridade, criando assim os «guetos», que acabam por ser contextos nos quais diminuem as possibilidades de sociabilidade e interação entre pessoas que têm origens múltiplas e diferentes. Por outro lado, a tendência das cidades continua a ser de aumentar. Com este contínuo crescimento do tecido urbano, torna-se cada vez mais complexa a resolução dos problemas que criam fraturas sociais e temporais.¹⁸

Como podemos constatar, a rota do cristão para a santidade começa neste mundo, cada um na sua realidade concreta e específica, em união com os santos que nos mostram o caminho seguro. Por isso, o cristão deve, como ponto de partida, compreender as fraturas

¹⁷ Cf. Alfredo Teixeira, *Entre a exigência e a ternura: Uma antropologia do habitat institucional católico* (Lisboa: Paulinas Editora, 2005), 240.

¹⁸ Cf. Marc Augé, «O planeta como local cidade-mundo e mundo-cidade», in *A Pastoral das Grandes Cidades*, ed. Lluís Martínez Sistach (Lisboa: Paulus, 2016), 50–52.

existentes na sociedade que o rodeia. Pois, todos nós estamos num local concreto que tem os seus problemas que estão à vista de todos, até dos turistas como, por exemplo, a pobreza e imigração.

A principal preocupação do nosso estudo inside na comunidade paroquial, a qual faz parte integrante da Igreja. A Igreja forma o seu corpo nas pessoas concretas, o povo de Deus. A Igreja é um povo que caminha rumo à cidade de Deus (cf. Ap 21,1-22), que através do mistério de Cristo solta as cadeias que o prendiam a um templo, a um regime ritual num espaço específico. À luz da relação de Deus com o Homem na sua história, a lógica humana sofre uma alteração completa, uma transformação da ideia de sagrado e profano. A Igreja como comunidade, é templo santo de Deus, em vez do templo edificio de pedras. Portanto, existe, mesmo no contexto da cidade, uma formulação de Igreja a partir das relação humana e interpessoais.¹⁹ De condição permite-nos afirmar:

“Temos um elo fundamental com cada um na nossa humanidade comum, uma «generosidade ontológica» anterior a outras semelhanças e compatibilidades que nos levam a associarmo-nos com os outros em variadas amizades, políticas, e por aí fora”²⁰.

A nossa humanidade, que nasce do modelo escolhido por Deus (cf. Gn 1,26), está totalmente dependente da constante relação com outras pessoas, somos e sempre seremos seres de natureza social. É isto que nos define como seres humanos. Portanto, a comunidade nasce a partir desta necessidade. A comunidade é o lugar onde não há acessão de pessoas, onde todos são herdeiros de igual forma em Cristo Jesus (cf. Gl 3,26-29) e nos unimos numa só Igreja, tanto com os que caminham sobre esta terra como com os irmãos que já estão na paz de Cristo (cf. LG 49). Trata-se de uma afirmação que é fortificada nesta Palavra de Jesus

19 Cf. Carlos María Galli, *Dios vive en la ciudad. Hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco* (Barcelona: Herder, 2014), 148–149.

20 “We have a fundamental link with each other in our common humanity, an «ontological generosity» prior to other similarities and compatibilities which lead us to associate with each other in various friendships, politics, and so on”. Mary Rousseau, «Life, love and community», *Communio: International Catholic Review* XV, n. 2 (1988): 201–202.

Cristo: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt 18,20), ou seja, na comunidade. Por isso, podemos afirmar que “Deus habita na vida dos homens da cidade”²¹. Através disto, o cristão reconhece que Deus se faz presente no seu cotidiano – na comunidade, em casa, no trabalho, na escola ou até mesmo na rua – e que esta presença é fundamental para viver e transmitir a fé.

A paróquia, apesar de ser um território, é, antes de mais, uma «certa comunidade», expressão da Igreja no meio das pessoas, o lugar para onde convergem todos aqueles que são chamados, e realizam o seu itinerário de fé, sendo assim um claro exemplo de apostolado comunitário (cf. AA 10; cf. CIC 518). O próprio CIC define a paróquia como “uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como a seu pastor próprio” (CIC 515 §1). A proximidade é, em princípio, o fator principal da territorialidade, mas não é limitadora para as pessoas, nos dias de hoje, devido à mobilidade, como podemos ver em “Mobilidade humana: fatores de caracterização”. Muitas vezes as pessoas escolhem outra paróquia ou comunidade fora desta delimitação territorial e de residência, onde passam a receber os sacramentos e a fazer a vida paroquial.²² Seria impossível restringir as pessoas à sua residência, dado que muitas pessoas acabam por ter a sua vivência quotidiana em diversos territórios, se considerarmos os diversos locais de trabalho, escola ou atividades. Como cada vez mais o homem é um cidadão do mundo, a Igreja universal vê igualmente a necessidade de corresponder a esta realidade, sabendo sempre que as igrejas particulares “são formadas à imagem da Igreja universal; é nelas e a partir delas que existe a Igreja Católica una e única” (LG 27). Por isso, é “a comunidade, que guarda os pequenos detalhes do amor e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador” (GE 145).

É no âmago da paróquia que se consegue formar a comunidade, a qual se gera e nutre a partir do amor. Um amor incondicional – como nos diz São Pedro –, no qual estão também

²¹ “Dios habita en la vida de los hombres de la ciudad” Galli, *Dios vive en la ciudad*, 141.
²² Cf. Galli, *Dios vive en la ciudad*, 223–224.

presentes os maus momentos e dificuldades. Um amor que atrai as pessoas e fá-las querer tomar parte. Por isso, se limitamos a paróquia à questão da pertença territorial, podemos incorrer em situações que nos são alertadas por Hervieu-Léger, como podemos constatar em “O turista – peregrino?” porque a “figura do peregrino cristalizou, transformando-se”²³. Se ficamos pela reminiscência histórica, onde o peregrinar era importante na vida do crente, não poderemos avançar e crescer de forma a corresponder aos desafios que nos são apresentados.²⁴

A hospitalidade deixa de ter a sua função, o acolhimento daquele que caminha com um rumo espiritual torna-se irrelevante. Assim, a afirmação de Korstanje – “a hospitalidade declina à medida que a supremacia ocidental em matéria científica avança”²⁵ – torna-se ainda mais a razão da nossa lamentação em vez de ser a razão de mudança.

Novamente se recorda que é na paróquia que decorre a maior parte dos contactos com os residentes temporários, entre eles os turistas. Juridicamente, as paróquias foram constituídas para “desempenharem em nome da Igreja o múnus próprio que lhes foi confiado em ordem ao bem público” (CIC 116 §1). Portanto, a paróquia é o lugar onde a valorização da pessoa e do seu descanso tem a sua maior visibilidade, num gesto diário de “levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos” (EG 127). Assim, através de uma oferta animadora e pessoal, criamos o desejo, nas pessoas que nos visitam, de querer voltar e, assim, ir fortalecendo a sua relação com Deus. Portanto, fazer o apelo “a testemunhar a sua fé e a redescobrir uma oportunidade para viver a vocação missionária” (OPT 20). Ajudar o cristão de forma a que ele possa concretizar aquilo para que Deus o criou, a sua missão neste mundo, sabendo que o ponto de partida deve ser a oração na comunidade e com a comunidade.²⁶

23 Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 98.

24 Cf. Rousseau, «Life, love and community», 208–212.

25 “La hospitalidad declina a medida que la supremacia occidental en materia científica avanza”. Korstanje, «Hospitalidad, religión y ciencia, las formas primarias del imperialismo», 12.

26 Cf. Michael Figura, «The works of communion. Christian community in act», *Communio: International Catholic Review* XXIX, n. 2 (2002): 235–237.

3. Critérios para uma pastoral comunitária

Tendo em conta esta realidade humana que se constatou em “O turista – peregrino?”, a comunidade têm de ser o principal elo de ligação, para que o turista consiga uma identificação, de uma forma mais direta, com a sua dimensão de peregrino. Mas, a pessoa facilmente se desvia, na sua procura espiritual, para formas de individualismo, dando lugar ao «bricolage religioso». Isto acontece, segundo Hervieu-Léger, porque “falta de facto a referência comum a uma verdade partilhada, constitutiva de uma tradição que faça autoridade, referência que constitui a substância mesma do laço social-religioso”²⁷. Por isso, precisamos de comunidades capazes de estimular questões sobre as motivações pessoais que levam a pessoa a realizar o seu itinerário, precisamos de comunidades que acolhem e integram, à imagem de Abraão, todos aqueles que passam à porta.

A identidade da comunidade cristã permite corresponder a afirmação de Hervieu-Léger de uma forma especial, pois na sua génese está numa comunhão na mesma fé. Uma fé que está presente em todos os fiéis que foi recebida dos apóstolos e é partilhada (cf. CEC 949).

“Se quisermos construir uma Igreja/comunhão, temos de viver em comunhão de espírito com os nossos irmãos. E a melhor maneira de o fazer é saber partilhar com generosidade os bens espirituais que o Senhor a todos concede, sempre cientes de que a nossa partilha será tanto mais rica quanto mais for impulsionada pelo amor e dinamizada pelo Espírito Santo.”²⁸

Trata-se então, como nos diz D. Manuel Madureira Dias, de uma partilha completa entre todos os membros da Igreja fundamentada pelo amor. Mas este amor não se cinge apenas aos membros «terrenos», estão envolvidos igualmente os membros «celestes». O ser Igreja, independentemente do grau em que se insere cada um, trata-se sempre da partilha do

²⁷ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 173.

²⁸ Manuel Madureira Dias, *Igreja, que dizes de ti mesma? Reflexões sobre a Lumen gentium* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 199–200.

mesmo amor de Deus, pelo qual vivemos fraternalmente (cf. LG 49). Uma partilha que leva «o outro» a querer fazer parte. Está aqui a génese da identidade cristã, um ser em função do outro.

O movimento interno de evangelização (*ad intra*) é importante e necessário, de forma a que o que foi transmitido se preserve, mantendo a identidade sempre neste espírito de comunhão. Mas, por outro lado, a Igreja é igualmente chamada a atuar *ad extra*, é chamada a evangelizar outros. Um envio divino que nasce da missão natural de batizado: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,19s). Não se trata de um mero mandato de Jesus, é parte integrante da identidade do ser cristão. A necessidade de corresponder à transmissão da alegria de ser filho de Deus.

Perante estas dimensões da identidade eclesial, a comunhão e a missão, as paróquias devem desencadear soluções que permitam a transformação pessoal de quem visita, de forma a integrar realmente a Igreja e o seu «ser» cristão. Por isso, tendo em consideração o Concílio Vaticano II, é necessário promover “métodos pastorais convenientes, para proporcionar a assistência religiosa àqueles que se deslocam por algum tempo a outras regiões para passar férias” (CD 18). Por isso, o ponto de partida tem de ser sempre a paróquia. É na comunidade local que o acolhimento cristão e a hospitalidade, os quais devem acompanhar a vida dos crentes, se oferecem ao turista e qualquer outro visitante, sem distinção (cf. OPT 18). A nossa pastoral comunitária deve ter em conta as práticas turísticas presentes na realidade portuguesa e tentar integra-las na sua ação.

Para compreendermos esta relação, olhemos para o documento OPT, mais concretamente nos números 18 a 30, onde nos é exigida uma atenção particular para com os residentes temporários, em particular os turistas, e para a criação de dinâmicas orientadoras

dentro das nossas comunidades, onde a mais importante é o serviço às pessoas. Assim, se torna necessário evitar que as nossas igrejas sejam «praças de comércio», mas sejam outros «areópagos da evangelização»(cf. OPT 26).

O documento poderia apresentar um modelo único, mas como cada realidade local tem as suas ferramentas, que permitem dar a melhor resposta para concretizar uma hospitalidade verdadeiramente cristã, essa solução seria redutora. Por isso, antes apresenta alguns elementos orientadores, que permitem estruturar esta pastoral de forma a corresponder à necessidade que abrange a temática. Por isso, “os católicos peritos nos negócios públicos e firmes, como devem ser, na fé e doutrina cristã, não recusem participar neles uma vez que, exercendo-os dignamente, podem atender ao bem comum e, ao mesmo tempo, abrir caminho ao Evangelho” (AA 14). Sem esquecer que é necessário acolher e acompanhar os turistas na sua procura da beleza e do descanso, implementando com acompanhamento que permita a envolvimento total na vida cristã da comunidade e daqueles que visitam de forma a estimular a cooperação de todos e demonstrar a universalidade da Igreja (cf. GS 89).

A celebração da eucaristia é um dos contextos privilegiados para este envolvimento. Podemos falar aqui da questão da pertença, dado que a Eucaristia expressa a comunhão dos cristãos, formando um só Corpo (cf. 1Cor 12,13). E como todos somos parte do «Corpo de Cristo», através de um convite realizado pela comunidade, o turista pode continuar a fazer a experiência comunitária longe da sua comunidade habitual. Por isso, se propõe que na celebração Eucarística, se for oportuno, sem quebrar o ritmo próprio da comunidade, se introduza a língua dos visitantes, para que estes possam participar mais ativamente e, assim, permitir que se viva mais evidentemente a celebração da fé partilhada. Por outro lado, é importante proporcionar, em momentos próprios, a integração dos visitantes que possam pertencer a outras confissões cristãs, correspondendo de forma mais direta ao apelo do ecumenismo (cf. OPT 19).

Outro aspeto importante a ter em conta é o património religioso, cultural e artístico, existente nas paróquias. Sabendo que “o acolhimento aí oferecido não pode limitar-se a uma simples informação histórica ou artística, ainda que cuidada, mas deve, antes de mais, realçar a sua identidade e finalidade religiosa” (OPT 21). Com a formação dos membros da comunidade para oferecer este acolhimento, também se ajuda a própria comunidade a identificar-se com a sua memória e a desejar continuar a transmitir o que recebem (cf. OPT 20). Os visitantes, através deste acolhimento que ajuda a conhecer e reconhecer as obras de arte, bem como as diversas manifestações ligadas à tradição local, podem contemplar a beleza da obra criada. E porque “a beleza é chave do mistério e apelo ao transcendente”²⁹, nesta experiência se contempla o próprio Criador. Por outro lado, o favorecimento dos membros da comunidade paroquial para gerir estas atividades, mobilizando competências específicas, tanto em contexto de celebrações como de visitas guiadas, fortalece o espírito missionário. Neste relação dos membros da comunidade com as atividades, se deve, igualmente, integrar voluntários que dediquem parte do seu tempo para ajudar na promoção do desenvolvimento e a ajuda ao acolhimento.³⁰ É necessário ter em atenção a formação dos agentes de viagem, “seja nas escolas profissionais, seja através de outras iniciativas complementares” (OPT 29), cooperando com eles, bem como com as entidades públicas, para se aceder a uma compreensão dos significados de tudo o que envolve a paróquia, desde a arte às manifestações religiosas (cf. OPT 21 e 27).

Por fim, mas não menos importante, é a promoção de atividades de carácter formativo, nas dimensões humana e espiritual, para que os cristãos que trabalham como guias possam “ter presente que a sua relação particular com os turistas solicita, de forma exigente, o seu testemunho de fé” (OPT 28). Com este tipo de formação, cria-se igualmente uma

29 João Paulo II, «Carta aos artistas», 4 de Abril de 1999, 16.

30 Esta realidade já é aplicada por exemplo em Tavira. As «férias ativas», são uma atividade na qual os jovens trabalham durante o verão para manter o património local (igrejas e capelas) visitável para os turistas.

fundamentação prática da vida cristã, nestes homens e mulheres, que se dedicam de uma forma mais atenta aos «espaços religiosos».

Concluindo, para se conseguir realmente uma ação pastoral apropriada, de forma a realizarmos algo semelhante ao que é praticado em lugares com uma parte experiencial de Pastoral do Turismo, como Westminster Abbey:

“Os turistas são encorajados a tornarem-se visitantes através de um ministro da hospitalidade e boas-vindas, das visitas guiadas, e da distribuição de informação; os visitantes são encorajados a tornarem-se peregrinos através de uma série de atividades espirituais incluindo a «oração do peregrino» que guia o participante para lugares chave dentro da abadia.”³¹

É necessário ter em conta os seguintes critérios:

O acolhimento, que deve ser sempre a primeira ferramenta do paroquiano. Sem ela torna-se impossível qualquer relação humana com aquele que «entra no nosso espaço» para conhecer algo diferente do seu quotidiano. Igualmente importante é a compreensão da realidade religiosa do visitante, só conhecendo que tipo de relação a pessoa tem com Deus se poder criar um elo de ligação. Não se pode ficar pelo genérico, é necessário tentar apreender a realidade do outro de forma a que a proposta possa ser acolhida e, assim, poder apreciar a sacralidade do lugar. Por fim, será sempre importante a instrução de todos os membros envolventes à pastoral do turismo de forma a que a sua formação seja a mais apropriada para poder corresponder a tudo o que foi falado.

31 “Tourists are encouraged to become visitors through a ministry of hospitality and welcome, guided tours, and information distribution; visitors are encouraged to become pilgrims through a series of spiritual activities including a «prayer pilgrimage» that guides participants around key places within the abbey”. Ross, «Introduction», XLVI.

CONCLUSÃO

O nosso itinerário foi realizado a partir de uma observação do turismo como sector social, tendo em atenção o turista em geral, de forma a chegar à pessoa humana, tanto na qualidade de hóspede como de hospedeira, para assim se perceber a sua singularidade. Com esta percepção a resposta dada, por parte de quem recebe, pode ser a melhor, tendo na consciência que apenas na relação se pode chegar plenamente à pessoa. Dentro do que seria possível e expectável conseguimos realizar o itinerário proposto, podendo assim propor alguns critérios de orientação para uma pastoral do turismo.

Através do itinerário escolhido, podemos concluir que, na nossa realidade atual, se verifica a transformação da dimensão religiosa ligada à peregrinação. Tal acontece devido à erosão da dimensão de «pertença» a uma comunidade ou, em alguns casos, o desvanecimento da própria religiosidade, num contexto de «bricolage». O facto de esta peça dimensão da vida das pessoas se encontrar desentranhada faz com que o «peregrino» realmente se tenha diluído no «turista», criando assim as dificuldades que nos levaram às perguntas orientadoras deste trabalho. Provavelmente esta será um dos principais desafios da Igreja contemporânea, principalmente no mundo ocidental.

Igualmente na realização deste itinerário, conseguimos compreender que todo o processo de integração e desenvolvimento da dimensão espiritual de «pertença», desejada por todas as pessoas, dependente das comunidades cristãs. Só através da comunidade cristã, que vive a sua missão de forma autêntica, se pode encontrar o elo que novamente liga ao religioso aqueles que visitam. Todas as comunidades, com um cunho de hospitalidade, são capazes de reverter este processo já em curso e, igualmente, ajudar estas pessoas, que fazem a sua peregrinação terrena, a compreender a história da salvação de Deus na sua vida, realçando que

os espaços sagrados que estão cheios de encontros entre as histórias humanas e o mistério da Salvação.

A hospitalidade será sempre a principal ferramenta das comunidades cristãs para poder dar uma resposta útil à problemática do turismo. Apesar da existência de uma diversidade tão grande de visitantes, ao partimos da hospitalidade, visando o reconhecimento da pessoa, pode encontrar-se uma resposta para os problemas que as comunidades vivem. Nesta via, a comunidade traduz a dimensão universal da Igreja.

Entre os novos desafios, encontra-se o ecoturismo. Como conclui Jordi Gayà, o ecoturismo deve contribuir “para o desenvolvimento dos povos, a luta contra a pobreza ou defesa da identidade cultural”¹. A proteção tanto do ambiente como das pessoas que são visitadas devem estar bem presentes em qualquer desenvolvimento de novos projetos relacionados com o turismo no contexto da comunidade. É verdade que os turistas precisam de uma atenção especial, mas esta atenção não deve sobre por-se à dignidade humana e cultural de quem recebe.

A aplicação prática deste trabalho, num eclesial, seria de grande interesse, mas devido à sua extensão no tempo, seria impossível a realização ficando em aberto para outra oportunidade. Seria necessário um estudo a partir da aplicação destas medidas e consequente confirmação das conclusões formuladas, de forma a compreender se realmente é uma via útil para a Igreja abordar a temática do turismo, pelo menos a nível nacional.

A pesar de não ter sido dado uma grande importância ao ecumenismo ao longo da reflexão, temos consciência da sua importância dado que muitos dos visitantes, com origem diversificada, pertencem a outras geografias religiosas. Poderia ser de grande relevância uma boa conjugação entre turismo e ecumenismo. Seria possível criar pontes mais sólidas nesta

1 “Dello sviluppo dei popoli, della lotta contro la povertà o della difesa dell’identità culturale”. Jordi Gayà, «Ecoturismo, chiave dello sviluppo sostenibile» (comunicação, *Ecoturismo. Incontro tra culture nel rispetto del creato*, Milão, 17 de Fevereiro de 2003). http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_2003020_bit_gaya_it.html

dinâmica ecuménica a partir do turismo, permitindo atingir verdadeiramente a nossa missão de cristãos.

Esta dissertação pretende abrir caminhos para uma reflexão mais ponderada sobre a realidade do turismo e a sua importância numa pastoral evangelizadora. Ser cristão implica o reconhecimento das necessidades atuais e a tentativa de corresponder da melhor forma. A missão primordial do cristão será sempre a de ajudar as pessoas a crescer em sabedoria e graça, dentro do seio de uma comunidade aberta ao apelo dos seus.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e Documentos

Bíblia Sagrada. 5ª edição revista. Lisboa / Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

Concílio Vaticano II. «Apostolicam Actuositatem», 18 de Novembro de 1965. in AAS 58 (1965), 837–864.

———. «Christus Dominus», 28 de Outubro de 1965. in AAS 58 (1966), 673–696.

———. «Gaudium et Spes», 7 de Dezembro de 1965. in AAS 58 (1966), 1025–1115.

———. «Lumen Gentium», 21 de Novembro de 1964. in AAS 57 (1965), 5–71.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Catecismo da Igreja Católica*. 2ª. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

———. *Código de Direito Canónico*. 4ª edição revista. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1995.

Congregação para o Clero. «Diretório Geral para a Pastoral do Turismo», 30 de Abril de 1969. in AAS 61 (1969), 361–384.

Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. «A Peregrinação no Grande Jubileu do Ano 2000», 11 de Maio de 1998.

———. «El Magisterio de la Iglesia y el Turismo signo de los tiempos». *People on the Move*, n. 101 (2006).

———. «Erga Migrantes Caritas Christi», 3 de Maio de 2004. in AAS 96 (2004), 762–822.

———. «La Pastoral del Turismo en la misión evangelizadora de la Iglesia», 2003.

———. «Orientações para a Pastoral do Turismo». Obra Nacional da Pastoral do Turismo, 2015.

Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. «Turismo sustentável. um instrumento ao serviço do progresso», 27 de Setembro de 2017.

- Francisco. «Evangelii Gaudium», 24 de Novembro de 2013. in AAS 105 (2013), 1019–1137.
- . «Gaudete et Exsultate», 19 de Março de 2018.
- . «Laudato Si'», 24 de Abril de 2015. in AAS 107 (2015), 847–945.
- João Paulo II. «Carta aos artistas», 4 de Abril de 1999.
- . «Laborem Exercens», 14 de Setembro de 1981. in AAS 73 (1981), 577–647.
- . «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo 1982», 27 de Setembro de 1982.
- . «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo 2000», 29 de Julho de 2000.
- . «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo 2001», 9 de Junho de 2001.
- . «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo 2002», 27 de Setembro de 2002.
- . «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo 2003», 11 de Julho de 2003.
- . «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo 2004», 30 de Maio de 2004.
- . «Redemptor Hominis», 4 de Março de 1979. in AAS 71 (1979), 257–324.
- Paulo VI. «Evangelii Nuntiandi», 8 de Dezembro de 1975. in AAS 68 (1976), 5–76.

Bibliografia Subsidiária

- Augé, Marc. «O planeta como local cidade-mundo e mundo-cidade». in *A Pastoral das Grandes Cidades*, ed. Lluís Martínez Sistach, 49–61. Lisboa: Paulus, 2016.
- Bauman, Zygmunt. *A vida fragmentada. Ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007.
- Beltrán-Bueno, Miguel Ángel, e María Concepción Parra-Meroño. «Perfiles turísticos en función de las motivaciones para viajar». *Cuadernos de Turismo*, n. 39 (2017): 41–65.
- Bernardo, Fernanda. «A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II)». *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 22 (2002): 421–446.

- Boff, Leonardo. *Virtudes para otro mundo posible. I. Hospitalidad. derecho y deber de todos*. Santander: Sal Terrae, 2007.
- Cabral, Manuel Caldeira. «Liderar o turismo do futuro», in *Estratégia Turismo 2027*, ed. Turismo de Portugal I.P., 2017, 2.
[URL: <<http://estrategia.turismodeportugal.pt/content/estrat%C3%A9gia-turismo-2027>>].
- Cothenet, Edouard. *As cartas de Pedro*. Cadernos bíblicos 52. Lisboa: Difusora Bíblica, 1996.
- Domingo Moratalla, Agustín. «La hospitalidad como valor y virtud. Cinco propuestas para una educación integral». *Scripta Fulgentina*, n. 31–32 (2006): 139–153.
- Figura, Michael. «The works of communion. Christian community in act». *Communio: International Catholic Review* XXIX, n. 2 (2002): 220–237.
- Fromm, Erich. *The anatomy of human destructiveness*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1974.
- Galli, Carlos María. *Dios vive en la ciudad. Hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco*. Barcelona: Herder, 2014.
- Gayà, Jordi. «Ecoturismo, chiave dello sviluppo sostenibile». *Comunicação, Ecoturismo. Incontro tra culture nel rispetto del creato*, Milão, 17 de Fevereiro de 2003.
[URL: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_2003020_bit_gaya_it.html>]
- Godinho, Ana Mendes. «O turismo precisa de todos e todos precisam do turismo», in *Estratégia Turismo 2027*, ed. Turismo de Portugal I.P., 2017, 3.
[URL: <<http://estrategia.turismodeportugal.pt/content/estrat%C3%A9gia-turismo-2027>>].

- Hall, Sarah Marie, & Clare Holdsworth. «Family practices, holiday and the everyday». *Mobilities* 11, n. 2 (2016): 284–302.
[URL: <<https://doi.org/10.1080/17450101.2014.970374>>].
- Hervieu-Léger, Danièle. *O peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Lisboa: Gradiva Publicações lda., 2005.
- Instituto Nacional de Estatística. «Estatística do Turismo 2016», 2017.
[URL: <https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277048338&PUBLICACOESmodo=2>]
- Korstanje, Maximiliano. «Hospitalidad, religión y ciencia, las formas primarias del imperialismo». *Boletín Científico Sapiens Research* 6, n. 1 (2016): 9–13.
[URL: <<https://www.srg.com.co/bcsr/index.php/bcsr/article/view/211/185>>]
- Madureira Dias, Manuel. *Igreja, que dizes de ti mesma? Reflexões sobre a Lumen gentium*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Maia, João. «Dimensão lúdica do homem». *Brotéria Cristianismo e Cultura* 117, n. 1 (1983): 89–93.
- Marujo, António. «O que esperamos e desejamos da Igreja?» *Eborensia* XXVII, n. 48 (2014): 215–240.
- McKenzie, John. «Hospitalidade». *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.
- Moore, Scott. «Hospitality as an alternative to tolerance». *Communio: International Catholic Review* XXVII, n. 3 (2000): 600–608.
- Pedro, Rui M. da Silva. «O pensamento da Igreja em relação às migrações humanas». *Communio - Revista Internacional Católica* XXIII, n. 3 (2006): 337–350.
- Pereira Neto, João. «Hospitalidade». *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: editorial Verbo, 1998.

- Pérez Fernández, Miguel. «La hospitalidad en el tradición judía». *Scripta Fulgentina*, n. 31-32 (2006): 39–59.
- Prassel, Peter. «Tourism at the service of the encounter among peoples». *People on the Move*, n. 96 supp (2004): 213–218.
- Puşcaşu, Violeta. «Religious tourism or pilgrimage?» *European Journal of Science and Theology* 11, n. 3 (2015): 131–142.
- Rojek, Chris. *Ways of escape. Modern transformations in leisure and travel*. Londres: Macmillan, 1993.
- Ross, Deborah. «Introduction». In *Image and pilgrimage in christian culture*, ed. Victor Turner & Edith Turner, XXIX-LVII. New York: Columbia University Press, 2011.
- Rousseau, Mary. «Life, love and community». *Communio: International Catholic Review* XV, n. 2 (1988): 199–214.
- Sheller, Mimi, & John Urry. «The new mobilities paradigm». *Environment and Planning A* 38 (2006): 207–226.
- Sills, David L., «Migration». *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York, NY: Macmillan [u.a.], 1979.
- Silva Lima, José da. *A peregrinação. percursos e palavra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- Teixeira, Alfredo. *Entre a exigência e a ternura: Uma antropologia do habitat institucional católico*. Lisboa: Paulinas Editora, 2005.
- Turismo de Portugal I.P. «Estratégia Turismo 2027. Liderar o Turismo do Futuro», 2017.
[URL: <http://estrategia.turismodeportugal.pt/content/estrat%C3%A9gia-turismo-2027>].
- Turner, Victor, & Edith Turner. *Image and pilgrimage in christian culture*. New York: Columbia University Press, 2011.

Urry, John. «Globalising the Tourist Gaze». Department of Sociology, Lancaster University, Lancaster, 2001.

[URL: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Urry-Globalising-the-Tourist-Gaze.pdf>>].

Sites consultados

Acta Apostolicae Sedis – http://www.vatican.va/archive/aas/index_en.htm (consultado a 10/03/2018).

Revista People on the move –

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/s_index_pom/rc_pc_migrants_pom_overview.htm (consultado a 29/11/2017).

ÍNDICE

RESUMO.....	1
ABREVIATURAS.....	2
INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO I AS PRÁTICAS TURÍSTICAS EM PORTUGAL.....	6
1. Dados sobre as práticas turísticas em Portugal.....	6
2. Caracterização do turismo em Portugal.....	8
3. Um Futuro para Portugal, considerações a partir do plano <i>Estratégia Turismo 2027</i>	12
CAPÍTULO II O <i>HOMO VIATOR</i> , UM ETERNO VIAJANTE?.....	15
1. Mobilidade humana: fatores de caracterização.....	15
2. Figuras sociais da mobilidade.....	19
2.1. As figuras sociais da mobilidade segundo Bauman.....	20
2.1.1. O peregrino.....	20
2.1.2. O deambulador.....	21
2.1.3. O vagabundo.....	22
2.1.4. O turista.....	22
2.1.5. O jogador.....	24
2.2. O religioso em movimento segundo Hervieu-Léger.....	24
2.2.1. O peregrino.....	25
2.2.2. O convertido.....	27
2.3. O turista – peregrino?.....	28
3. Interpretação eclesial do turismo.....	30
3.1. A peregrinação e condição humana.....	30
3.2. A relação entre peregrinação e turismo.....	33
3.3. Turismo, um sinal dos tempos.....	34

CAPÍTULO III A HOSPITALIDADE NA VIVÊNCIA DAS COMUNIDADES CRISTÃS	38
1. A hospitalidade – um desafio para os cristãos.....	38
1.1. A noção de hospitalidade.....	38
1.2. A hospitalidade, acolhimento de estranho que se converte em hospedes.....	39
1.3. A hospitalidade no cânone cristão.....	41
2. A comunidade cristã e a sua vivência no mundo.....	45
3. Critérios para uma pastoral comunitária.....	49
CONCLUSÃO.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	57